PLUTARCO
A VIDA DE
ALEXANDRE
O GRANDE
δi

PLUTARCO
A VIDA DE
ALEXANDRE
O GRANDE
δi

Plutarco

A Vida de Alexandre

O Grande

Tradução: Bernardo Santos

Mais informações sobre o projeto
Site: www.diariointelectual.com.br
Instagram: @diariointelectual - @edicoesdi
YouTube: Diário Intelectual
E-mail: diariointelectualcontato@gmail.com Sumário

Introdução

A história de Alexandre, o Grande, é uma das narrativas mais fascinantes e inspiradoras da antiguidade. Nascido em 356 a.C., Alexandre ascendeu ao trono da Macedônia aos 20 anos, após a morte de seu pai, o rei Filipe II. Educado por Aristóteles, ele desenvolveu uma mente curiosa e estratégica, que combinada com sua coragem inata e sua incansável busca da excelência, o impulsionou a alcançar feitos extraordinários.

Através da lente de Plutarco, um dos maiores biógrafos e historiadores do mundo clássico, somos convidados a explorar não apenas as conquistas militares de Alexandre, mas também sua complexa personalidade e suas visões grandiosas. Plutarco nos oferece um retrato íntimo de Alexandre, revelando o homem por trás do mito, com suas virtudes e falhas.

Durante sua breve vida, Alexandre transformou-se de rei da Macedônia em imperador de um vasto império que se estendia da Grécia ao Egito, e da Pérsia até as fronteiras da Índia. Suas campanhas militares mudaram o curso da história, introduzindo uma nova era de interconexão entre o Oriente e o Ocidente.

No entanto, além das vitórias no campo de batalha, a verdadeira grandeza de Alexandre residia em sua capacidade de sonhar e buscar um mundo mais unificado e culturalmente rico. Ele vislumbrava um império onde culturas e conhecimentos fossem compartilhados, plantando as sementes para a era helenística.

Esta biografia, escrita por Plutarco, não é apenas uma crônica das façanhas de Alexandre, mas também uma exploração de suas motivações e dilemas. Ao longo das páginas, somos desafiados a refletir sobre o que significa

ser verdadeiramente grande, questionando os limites da ambição humana e a natureza do poder.

As lições que Alexandre, o Grande, nos deixou continuam a ser valiosas e inspiradoras. Que esta narrativa sirva de inspiração para aqueles que buscam transformar suas próprias ambições em realidade.

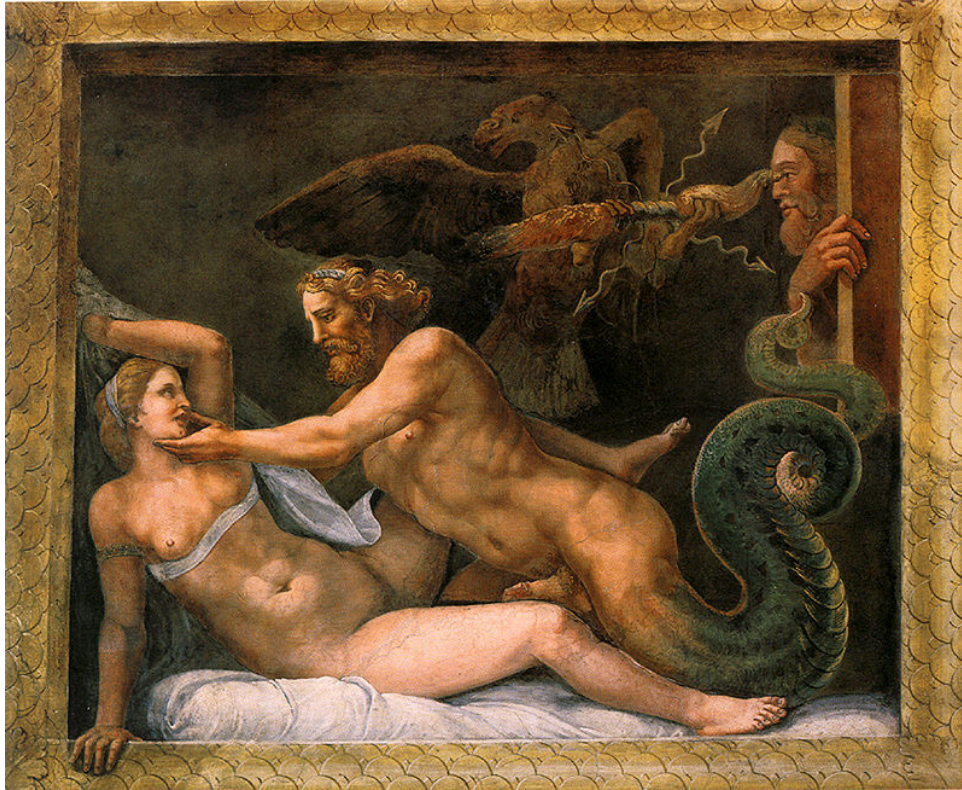
A Vida de Alexandre, o Grande

356-323 a.C.

Como meu objetivo é escrever as Vidas de Alexandre, o rei, e de César, por quem Pompeu foi derrotado, a multiplicidade de suas grandes ações oferece um campo tão vasto que eu seria culpado se não avisasse ao leitor, como desculpa, que preferi resumir as partes mais célebres de suas histórias a insistir em uma circunstância muito particular. Deve-se ter em mente que meu objetivo não é escrever histórias, mas Vidas. E as façanhas mais gloriosas nem sempre nos fornecem as descobertas mais claras acerca da virtude ou do vício dos homens; às vezes, uma questão de menor importância, uma expressão ou uma brincadeira, nos informa melhor sobre seu caráter e suas inclinações do que os cercos mais famosos, os maiores armamentos ou as batalhas mais sangrentas. Portanto, assim como os pintores de retratos são mais exatos nas linhas e características do rosto, nas quais o caráter é visto, do que nas outras partes do corpo, devo dar minha atenção mais especial às marcas e indicações das almas dos homens e, enquanto me esforço para retratar suas vidas por meio delas, posso ficar livre para deixar que assuntos mais importantes e as grandes batalhas sejam tratados por outros.

Todos concordam que, por parte de pai, Alexandre descendia de Hércules por Carano e de Æacus por Neoptolomeu, por parte de mãe. Seu pai Filipe, estando na Samotrácia, quando era bem jovem, apaixonou-se por Olímpia, em companhia de quem foi iniciado nas cerimônias religiosas do país, e como o pai e a mãe dela estavam mortos, logo depois, com o consentimento do irmão dela, Arymbas, casou-se com ela.

Na noite anterior à consumação do casamento, ela sonhou que um raio caiu sobre seu corpo e acendeu um grande fogo, cujas chamas divididas se dispersaram por toda parte e depois se extinguiram. E Filipe, algum tempo depois de se casar, sonhou que selava o corpo de sua esposa com um selo, cuja impressão, como ele imaginava, era a figura de um leão. Alguns dos adivinhos interpretaram esse sonho como uma advertência a Filipe para que olhasse com cuidado para sua esposa; mas Aristandro de Telmessus, considerando como era incomum selar algo que estava vazio, assegurou-lhe que o significado do sonho era que a rainha estava grávida de um menino, que um dia se mostraria tão robusto e corajoso quanto um leão.

Uma vez, porém, uma serpente foi encontrada deitada ao lado de Olímpia enquanto ela dormia, o que, mais do que qualquer outra coisa, diz-se, diminuiu a paixão de Filipe por ela; e quer ele a temesse considerando-a uma feiticeira, quer pensasse que ela tinha relações com algum deus e, portanto, se considerasse excluído, ele sempre gostou de sua conversa.

Zeus seduz Olímpia, afresco de Giulio Romano, 1526-1534

Outros dizem que as mulheres desse país, que sempre foram extremamente viciadas nos entusiasmados ritos órficos e na adoração selvagem de Baco (por isso eram chamadas de Clodones e Mimallones), imitaram em muitas coisas as práticas das mulheres da Edônia e da Trácia em torno do Monte Hæmus, de quem a palavra *threkeuein* parece ter sido derivada, como um termo especial para formas de adoração supérfluas e demasiado curiosas; e que Olímpia, zelosamente afetando essas inspirações fanáticas e entusiásticas, para executá-las com pavor mais bárbaro, costumava, nas danças próprias dessas cerimônias, ter grandes serpentes domesticadas ao seu redor, que às vezes se arrastavam para fora da hera nos leques místicos, às vezes se enrolavam nas lanças sagradas e nos braceletes das mulheres, fazendo um espetáculo que os homens não podiam ver sem terror.

Filipe, após essa visão, enviou Chæron de Megalópolis para consultar o oráculo de Apolo em Delfos, pelo qual lhe foi ordenado que realizasse sacrifícios e que, a partir de então, prestasse honra especial, acima de todos os outros deuses, a Ammon; e foi-lhe dito que um dia perderia o olho com o qual presumia espiar pela fresta da porta, quando viu o deus, sob a forma de uma serpente, na companhia de sua esposa. Eratóstenes diz que Olímpia, quando acompanhou Alexandre a caminho do exército em sua primeira expedição, contou-lhe o segredo de seu nascimento e pediu-lhe que se comportasse com coragem adequada à sua origem divina. Outros afirmam ainda que ela negava totalmente qualquer pretensão do tipo e costumava dizer: "Quando Alexandre deixará de me caluniar para Juno?"

A Sacerdotisa de Delfos (1891), de John Collier

Alexandre nasceu no sexto dia de Hecatombæon, mês que os macedônios chamam de Lous, no mesmo dia em que o templo de Diana em Éfeso foi incendiado; o que Hegesias de Magnesia faz ser a ocasião de um presságio, bastante fria para ter impedido a conflagração.. O templo, diz ele, pegou fogo e foi queimado enquanto sua senhora estava ausente, auxiliando no nascimento de Alexandre. E todos os adivinhos orientais que se encontravam em Éfeso, considerando a ruína desse templo como o precursor de alguma outra calamidade, correram pela cidade, batendo no rosto e gritando que

aquele dia havia trazido algo que seria fatal e destrutivo para toda a Ásia.

Logo após a tomada de Potidæa por Filipe, ele recebeu três mensagens ao mesmo tempo: que Parmênio havia derrotado os ilírios em uma grande batalha, que seu cavalo de corrida havia vencido a corrida nos jogos olímpicos e que sua esposa havia dado à luz Alexandre; estando naturalmente satisfeito, como complemento de sua satisfação, os adivinhos lhe garantiram que um filho, cujo nascimento foi acompanhado de três sucessos como esses, não poderia deixar de ser invencível.

As estátuas que melhor representavam a pessoa de Alexandre eram as de Lysippus (somente por quem ele permitiria que sua imagem fosse feita), as peculiaridades que muitos de seus sucessores e amigos costumavam tentar imitar, a inclinação de sua cabeça um pouco para um lado, em direção ao ombro esquerdo, e seu olho derretido, foram expressas por esse artista com grande exatidão. Mas Apeles, que o desenhou com raios na mão, tornou sua tez mais marrom e escura do que era naturalmente; pois ele era branco e de cor clara, passando a ser avermelhado no rosto e no peito. Aristoxenus, em suas Memórias, conta que um odor muito agradável exalava de sua pele, e que sua respiração e seu corpo eram tão perfumados que chegavam a perfumar as roupas que ele carregava junto a si; a causa disso provavelmente era o temperamento quente e adusto de seu corpo. Pois os odores doces, concebe Teofrasto, são produzidos pela mistura de humores úmidos pelo calor, razão pela qual as partes do mundo que são mais secas e mais ardidas oferecem especiarias do melhor tipo e em maior quantidade; porque o calor do sol exaure toda a umidade supérflua

que se encontra na superfície dos corpos, pronta para gerar putrefação.

E essa constituição quente, talvez, tenha tornado Alexandre tão obcecado pela bebida e extremamente colérico. Sua temperança, no que diz respeito aos prazeres do corpo, era evidente em sua infância, pois era muito difícil incitá-lo a eles, e sempre os usava com grande moderação; embora em outras coisas fosse extremamente ávido e veemente, e em seu amor pela glória e sua busca por ela, demonstrou uma solidez de espírito e magnanimidade muito acima de sua idade. Pois ele não a buscava nem a valorizava em todas as ocasiões, como fazia seu pai Filipe (que demonstrava sua eloquência quase a um grau de pedantismo e cuidava para que as vitórias de suas carruagens de corrida nos jogos olímpicos fossem gravadas em sua moeda), mas quando alguns de seus amigos lhe perguntaram se ele participaria de uma corrida nos jogos olímpicos, já que tinha pés muito rápidos, ele respondeu que sim, se conseguisse reis para correr com ele. De fato, parece que, em geral, ele olhava com indiferença, se não com aversão, para os declarados atletas. Muitas vezes, ele nomeava prêmios, pelos quais não apenas tragediantes e músicos, flautistas e harpistas, mas também rapsodistas, se esforçavam para superar uns aos outros; e se deliciava com todos os tipos de caça e jogos com bastão, mas nunca incentivou competições de boxe ou de pancrácio.

Quando ainda era muito jovem, recebeu os embaixadores do rei da Pérsia, na ausência de seu pai, e conversou muito com eles, conquistando-os de tal forma com sua afabilidade e com as perguntas que lhes fazia, que estavam longe de ser infantis ou insignificantes (pois ele lhes perguntou a extensão dos caminhos, a natureza

da estrada para a Ásia interior, o caráter de seu rei e que forças ele era capaz de trazer para o campo de batalha), e os embaixadores ficaram admirados com ele e consideraram que a habilidade tão famosa de Filipe não era nada em comparação com a ousadia e o propósito elevado que apareceram tão cedo em seu filho.

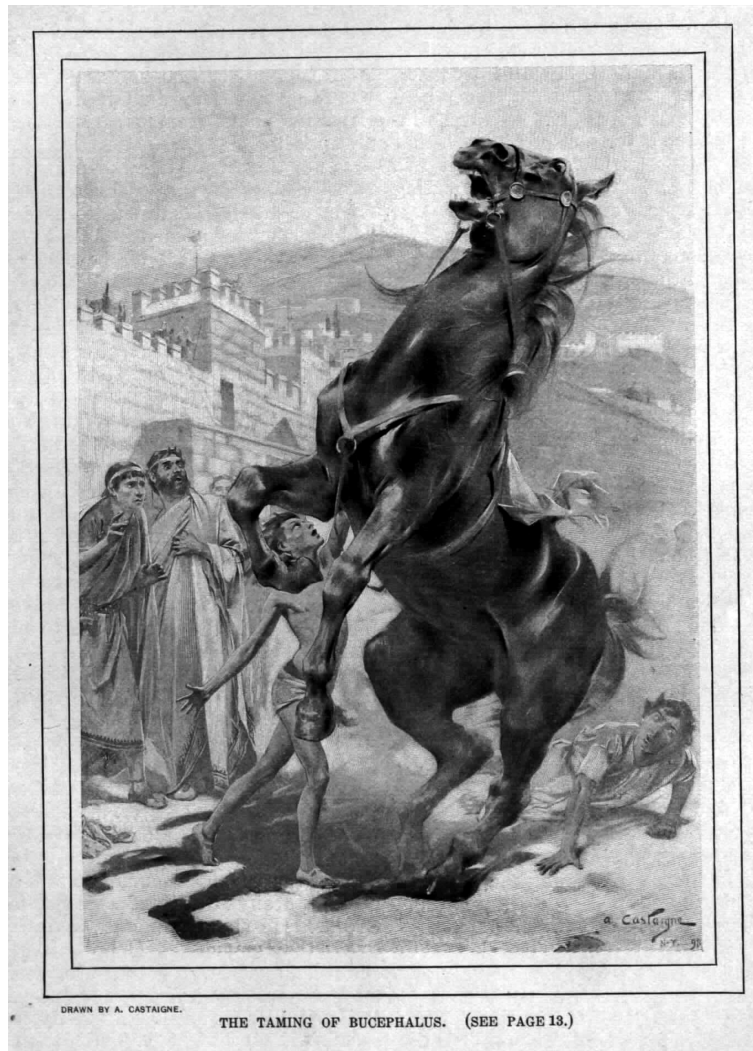
Sempre que ouvia falar que Filipe havia tomado alguma cidade importante ou conquistado alguma vitória importante, em vez de se alegrar com o fato, dizia a seus companheiros que seu pai se anteciparia a tudo e não deixaria a ele e a eles nenhuma oportunidade de realizar grandes e ilustres ações. Por estar mais inclinado à ação e à glória do que ao prazer ou às riquezas, ele considerava tudo o que receberia de seu pai como uma diminuição e um impedimento de suas próprias conquistas futuras; e teria preferido suceder a um reino envolvido em problemas e guerras, que lhe proporcionaria o exercício frequente de sua coragem e um grande campo de honra, do que a um reino já florescente e estabelecido, onde sua herança seria uma vida inativa e o mero desfrute de riqueza e luxo.

Os cuidados com sua educação, como se poderia presumir, foram confiados a um grande número de assistentes, preceptores e professores, presididos por Leônidas, parente próximo de Olímpia, um homem de temperamento austero, que não recusou o título do que, na realidade, é um cargo nobre e honroso, mas, em geral, sua dignidade e seu relacionamento próximo lhe renderam o cargo de pai adotivo e governador de Alexandre. Porém, quem assumiu o lugar e o caráter de seu pedagogo foi Lysimachus, o acarnaniano, que, embora não tivesse nada de especial que o recomendasse, a não ser sua feliz fantasia de se chamar de Phœnix, Alexandre Aquiles e Filipe Peleu, era, por

conseguinte, bastante estimado e classificado em segundo lugar depois de Leônidas.

Philonicus, o tessaliano, levou o cavalo Bucéfalo a Filipe, oferecendo-se para vendê-lo por treze talentos; mas quando entraram em campo para experimentá-lo, descobriram que o cavalo era tão feroz e incontrolável que se levantava quando tentavam montá-lo e não suportava nem mesmo a voz de qualquer um dos assistentes de Filipe. Assim, quando o estavam levando embora por ser totalmente inútil e intratável, Alexandre, que estava por perto, disse: "Que excelente cavalo eles perdem por falta de habilidade e ousadia para manejá-lo!" A princípio, Filipe não prestou atenção ao que ele disse; mas quando o ouviu repetir a mesma coisa várias vezes e viu que ele estava muito irritado por ver o cavalo ser mandado embora, "Você censura", disse a ele, "aqueles que são mais velhos do que você, como se você soubesse mais e fosse mais capaz de lidar com o cavalo do que eles?". "Eu poderia manejar esse cavalo", respondeu ele, "melhor do que os outros". "E se você não o fizer", disse Filipe, "o que você perderá por sua imprudência?". "Eu pagarei", respondeu Alexandre, "o preço total do cavalo".

Com isso, toda a companhia caiu na gargalhada e, assim que a aposta foi acertada entre eles, ele correu imediatamente para o cavalo e, segurando a rédea, virou-o diretamente para o sol, pois, ao que parece, observou que ele estava perturbado e com medo do movimento de sua própria sombra; em seguida, deixando-o avançar um pouco, ainda mantendo as rédeas nas mãos e acariciando-o gentilmente quando o viu começar a ficar ansioso e impetuoso, ele deixou cair suavemente sua vestimenta superior e, com um salto ágil, montou-o com segurança e, quando estava sentado,

pouco a pouco puxou a rédea e o refreou sem golpeá-lo ou esporeá-lo. Em seguida, quando o viu livre de qualquer rebeldia e apenas impaciente para o percurso, soltou-o a toda velocidade, ordenando-lhe agora com uma voz de comando e incitando-o também com o calcanhar. A princípio, Filipe e seus amigos o observaram em silêncio e ansiosos pelo resultado, até que, ao vê-lo dar a volta no final de sua carreira e retornar regozijando-se e triunfando pelo que havia realizado, todos irromperam em aclamações de aplausos; e seu pai, derramando lágrimas, segundo dizem, de alegria, beijou-o quando ele desceu do cavalo e, em sua passagem, disse: "Ó meu filho, procure um reino igual e digno de si próprio, pois a Macedônia é muito pequena para você".

A doma de Bucéfalo, de André Castaigne.

Depois disso, considerando que ele era de um temperamento fácil de ser conduzido ao seu dever pela razão, mas de modo algum de ser compelido, sempre se esforçou para persuadi-lo, em vez de comandá-lo ou forçá-lo a qualquer coisa; e agora, considerando que a instrução e a educação de sua juventude eram muito mais difíceis e importantes para serem confiadas totalmente aos mestres comuns em música e poesia, e nas matérias escolares comuns, e que exigiam, como diz Sófocles,

O freio e também o leme,

mandou chamar Aristóteles, o mais erudito e célebre filósofo de sua época, e o recompensou com uma generosidade proporcional ao cuidado que teve para instruir seu filho. Com efeito, ele repovoou sua cidade natal, Estagira, que havia mandado demolir um pouco antes, e devolveu todos os cidadãos que estavam eLivross ou escravizados a seus lares.

Olímpia apresentando o jovem Alexandre, o Grande, a Aristóteles, Gerard Hoet (1733)

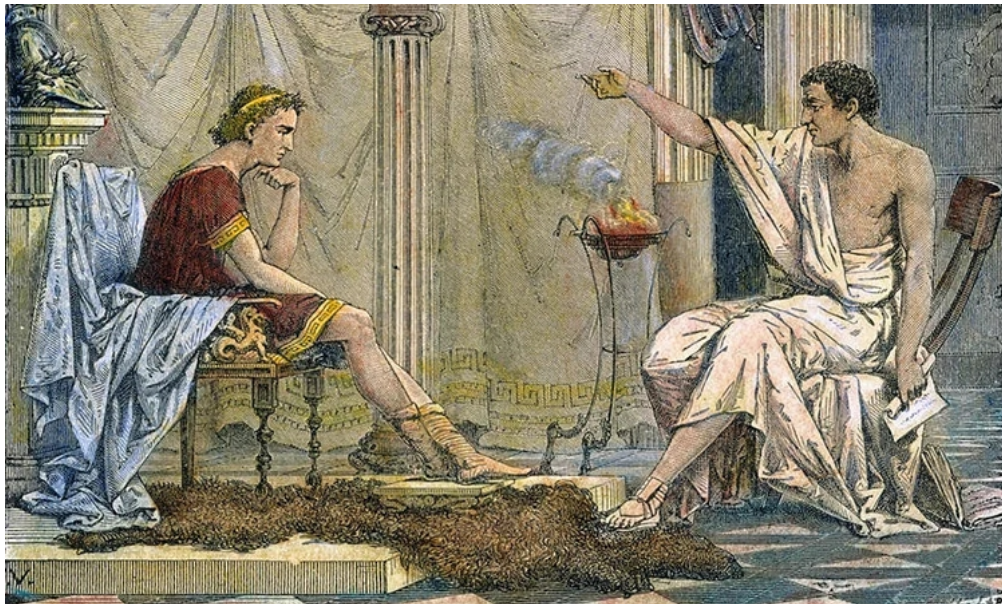
Como local para a realização de seus estudos e exercícios, ele designou o templo das Ninfas, perto de Mieza, onde, até hoje, são mostrados os assentos de pedra de Aristóteles e os passeios à sombra que ele costumava frequentar.

Parece que Alexandre recebeu dele não apenas suas doutrinas de moral e política, mas também algo daquelas teorias mais abstrusas e profundas que esses filósofos,

pelos próprios nomes que atribuíam a elas, afirmavam reservar para comunicações orais aos iniciados e não permitiam que muitos se familiarizassem a respeito. Quando estava na Ásia e soube que Aristóteles havia publicado alguns tratados desse tipo, escreveu-lhe a seguinte carta, usando uma linguagem muito clara em nome da filosofia. "Alexandre para Aristóteles, saudação. Você não fez bem em publicar seus livros de doutrina oral; pois o que há agora em que nos destacamos dos outros, se as coisas em que fomos particularmente instruídos estão abertas a todos? De minha parte, eu lhe asseguro, prefiro superar os outros no conhecimento daquilo que é excelente do que na extensão de meu poder e domínio. Despeço-me". E Aristóteles, apaziguando essa paixão pela preeminência, falou, em sua justificativa de si mesmo, dessas doutrinas como sendo de fato tanto publicadas quanto não publicadas: com efeito, para dizer a verdade, seus livros sobre metafísica são escritos em um estilo que os torna inúteis para o ensino comum, e instrutivos apenas, no modo de *memoranda*, para aqueles que já estão familiarizados com esse tipo de aprendizado.

Sem dúvida, foi também a Aristóteles que ele deveu a inclinação que tinha, não apenas à teoria, mas também à prática da arte da medicina. Pois quando algum de seus amigos estava doente, ele frequentemente prescrevia a dieta e os remédios adequados à doença, como podemos ver em suas epístolas. Naturalmente, ele era um grande amante de todos os tipos de aprendizado e leitura; e Onesicritus nos informa que ele constantemente colocava a *Ilíada* de Homero, de acordo com a cópia corrigida por Aristóteles, chamada de exemplar do baú, com seu punhal debaixo do travesseiro, declarando que a considerava um tesouro portátil perfeito de toda a virtude e conhecimento militar. Quando estava na Ásia

superior, por falta de outros livros, ordenou a Harpalus que lhe enviasse alguns; este lhe forneceu a *História* de Filisto, muitas peças de Eurípides, Sófocles e Ésquilo, e algumas odes ditirâmbicas, compostas por Telestes e Philoxenus.

Por um tempo, ele amou e prezou Aristóteles, tal como ele mesmo costumava dizer, não menos do que se fosse seu pai, dando a seguinte razão para isso: assim como ele havia recebido a vida de um, o outro o havia ensinado a viver bem. Porém, mais tarde, devido a alguma desconfiança em relação a sua pessoa, ainda que não tão grande a ponto de causar-lhe algum dano, sua familiaridade e bondade amigável para com ele diminuíram tanto de sua força e afeição anteriores, a ponto de tornar evidente que estava afastado dele. No entanto, sua violenta sede e paixão por aprender, que uma vez foram implantadas, ainda cresciam com ele e nunca decaíram; como aparece em sua veneração por Anaxarchus, pelo presente de cinquenta talentos que ele enviou a Xenócrates, e seu cuidado e estima particulares por Dandamis e Calanus.

Educação de Alexandre por Aristóteles, gravura de Charles Laplante (1866)

Enquanto Filipe partiu em sua expedição contra os bizantinos, deixou Alexandre, então com dezesseis anos de idade, como seu tenente na Macedônia, confiando a ele a responsabilidade por seu posto; ele, que não queria ficar ocioso, derrotou os rebeldes Mædi e, depois de tomar de assalto a cidade principal deles, expulsou os habitantes bárbaros e fundou uma colônia de várias nações em seu lugar, chamando o lugar pelo seu próprio nome, Alexandrópolis. Na batalha de Queronéia, que seu pai travou contra os gregos, diz-se que ele foi o primeiro homem a atacar a Companhia Sagrada dos tebanos. E ainda em minha memória, havia um velho carvalho perto do rio Cephisus, que as pessoas chamavam de carvalho de Alexandre, porque sua tenda foi montada sob ele. E não muito longe dali, podem ser vistos os túmulos dos macedônios que caíram naquela batalha. Essa bravura precoce fez com que Filipe gostasse tanto dele que nada o agradava mais do que ouvir seus súditos chamarem a si próprio de general e Alexandre de rei.

Mas as desordens de sua família, causadas principalmente por seus novos casamentos e vínculos (os problemas que começavam nos aposentos das mulheres se espalhavam, por assim dizer, por todo o reino), levantaram várias queixas e divergências entre eles, algo que a violência de Olímpia, uma mulher de temperamento ciumento e implacável, ampliou, exasperando Alexandre contra seu pai. Dentre os demais fatores, esse acidente foi o que mais contribuiu para o rompimento entre eles.

No casamento de Cleópatra, por quem Filipe se apaixonou e com quem se casou, sendo ela jovem demais para ele, o tio dela, Attalus, em meio a sua bebedeira, desejou que os macedônios implorassem aos deuses que lhes dessem um sucessor legítimo do reino

por meio de sua sobrinha. Isso irritou Alexandre de tal maneira que atirou uma das taças na cabeça dele: "Seu vilão", disse Alexandre, "então sou um bastardo?" Em seguida, Filipe, tomando o lugar de Attalus, levantou-se e queria espancar o filho; mas, para sorte de ambos, sua raiva excessiva ou o vinho que havia bebido fez com que seu pé escorregasse, de modo que ele caiu no chão. Alexandre, então, o insultou de modo reprovador: "Veja só", disse ele, "o homem que está se preparando para cruzar da Europa para a Ásia, tombou ao passar de um assento para outro". Depois desse deboche, ele e sua mãe Olímpia se retiraram da companhia de Filipe e, quando Alexandre a deixou em Epirus, ele mesmo se retirou para a Ilíria.

Por volta dessa época, Demaratus, o coríntio, um velho amigo da família, que tinha a liberdade de dizer qualquer coisa entre eles sem ofendê-los, veio visitar Filipe e, depois que os primeiros cumprimentos e abraços terminaram, Filipe perguntou-lhe se os gregos estavam em harmonia uns com os outros. "Não é conveniente para você", respondeu Demaratus, "ser tão solícito com a Grécia, quando você envolveu sua própria casa em tantas dissensões e calamidades". Ele ficou tão convencido com essa reprovação oportuna que imediatamente mandou buscar seu filho em casa e, por meio da mediação de Demaratus, conseguiu convencê-lo a voltar.

Mas essa reconciliação não durou muito; pois quando Pixodorus, vice-rei de Caria, enviou Aristocritus para tratar de um casamento entre sua filha mais velha e o filho de Filipe, Arrhidæus, esperando, por meio dessa aliança, garantir sua assistência na ocasião, e a mãe de Alexandre juntamente com alguns que fingiram ser amigos dele, logo encheram sua cabeça com contos e

calúnias, como se Filipe, por meio de um casamento esplêndido e uma aliança importante, estivesse preparando o caminho para estabelecer o reino para Arrhidæus. Alarmado com isso, Alexandre enviou Thessalus, o ator trágico, para a Cária, a fim de fazer com que Pixodorus desprezasse Arrhidæus, tanto como ilegítimo quanto como um tolo, e preferisse aceitar a si mesmo como seu genro. Essa proposta agradou muito mais a Pixodorus do que a anterior. Porém, Filipe, assim que tomou conhecimento dessa transação, foi até o aposento de seu filho, levando consigo Philotas, filho de Parmênio, um dos amigos íntimos e companheiros de Alexandre, e lá o reprovou severamente e o censurou amargamente por ser tão degenerado e indigno do poder que lhe deixaria, a ponto de desejar a aliança de um cariano mesquinho, que, na melhor das hipóteses, não passava de escravo de um príncipe bárbaro. Isso também não satisfez seu ressentimento, pois ele escreveu aos coríntios para que lhe enviassem Thessalos acorrentado, e baniu Harpalus, Nearchus, Erigyius e Ptolomeu, amigos e favoritos de seu filho, os quais Alexandre mais tarde chamou de volta e elevou a grandes honras e privilégios.

Pouco tempo depois, Pausânias, depois de ter sido ultrajado por Attalus e Cleópatra, quando descobriu que não podia obter reparação pela sua desgraça às mãos de Filipe, aproveitou a oportunidade e assassinou-o. A culpa desse ato foi atribuída, em grande parte, a Olímpia, que se dizia ter encorajado e incitado o jovem enfurecido a vingar-se; e algum tipo de suspeita recaiu até sobre o próprio Alexandre, quem, segundo se dizia, quando Pausânias veio e se queixou da injúria que recebera, repetiu o verso da *Medéia* de Eurípides — *fazer mal à noiva, ao seu pai e ao seu marido*. No entanto, ele teve o cuidado de descobrir e punir severamente os cúmplices da conspiração e ficou muito zangado com Olímpia por

ter tratado Cleópatra de forma desumana na sua ausência.

Pausânias assassina Filipe durante a procissão para o teatro,
André Castaigne (1898-1899)

Alexandre tinha apenas vinte anos de idade quando o seu pai foi assassinado e lhe sucedeu um reino, cercado por todos os lados de grandes perigos e inimigos rancorosos. Com efeito, não só as nações bárbaras que faziam fronteira com a Macedónia estavam impacientes por estarem a ser governadas por qualquer outro que não os seus próprios príncipes nativos, mas também Filipe, embora tivesse sido vitorioso sobre os gregos, como o tempo não lhe tinha sido suficiente para completar a sua conquista e habituá-los ao seu domínio, tinha simplesmente deixado tudo numa desordem e confusão gerais.

Para os macedônios, aquele parecia ser um momento muito crítico; e alguns teriam persuadido Alexandre a desistir de qualquer intenção de manter os gregos em sujeição pela força das armas e, em vez disso, dedicar-se a reconquistar, por meios brandos, a lealdade das tribos que estavam planejando uma revolta e tentar o efeito da tolerância para deter os primeiros movimentos em direção à revolução. No entanto, ele rejeitou esse conselho por considerá-lo fraco e tímido, e julgou ser mais prudente proteger-se por meio de determinação e magnanimidade do que, ao aparentar estar disposto a fazer concessões a qualquer um, encorajar todos a pisoteá-lo.

Seguindo essa opinião, ele reduziu os bárbaros à tranquilidade e pôs fim a todo medo de guerra por parte deles, por meio de uma rápida expedição em seu país até o rio Danúbio, onde derrubou totalmente Syrmus, rei dos Triballianos. E ouvindo que os tebanos estavam em revolta e os atenienses em correspondência com eles, ele imediatamente marchou pela passagem de Termópilas, dizendo que para Demóstenes, quem o havia chamado de criança enquanto ele estava na Ilíria e no país dos Triballianos, e de jovem quando estava na Tessália, ele pareceria um homem diante das muralhas de Atenas.

Quando ele chegou a Tebas, para mostrar o quanto estava disposto a aceitar o arrependimento deles pelo que havia acontecido no passado, ele apenas exigiu deles Fênix e Prothytes, os autores da rebelião, e proclamou um perdão geral para aqueles que se aproximassem dele. Porém, quando os tebanos apenas retrucaram exigindo que Philotas e Antípatro fossem entregues em suas mãos e, por meio de uma proclamação por parte deles, convidaram todos os que

quisessem reivindicar a liberdade da Grécia a se juntarem a eles, ele logo se empenhou em fazê-los sentir os últimos extremos da guerra.

De fato, os tebanos se defenderam com zelo e coragem superiores às suas forças, pois estavam em número muito inferior ao de seus inimigos. Quando, porém, a guarnição macedônia avançou contra eles a partir da cidadela, eles estavam tão cercados por todos os lados que a maior parte caiu na batalha; a própria cidade foi tomada de assalto, saqueada e arrasada; a esperança de Alexandre era que um exemplo assim tão severo pudesse aterrorizar o resto da Grécia, levando-a à obediência, e que também gratificasse a hostilidade de seus confederados, os fócios e os platenses. Assim, com exceção dos sacerdotes e de alguns poucos que até então haviam sido amigos e aliados dos macedônios, da família do poeta Píndaro e daqueles que sabidamente se opuseram ao voto público a favor da guerra, todos os demais, até o número de trinta mil, foram publicamente vendidos como escravos; e calcula-se que mais de seis mil foram passados à espada.

Entre as outras calamidades que se abateram sobre a cidade, aconteceu que alguns soldados trácios, tendo invadido a casa de uma senhora de caráter e reputação elevados, chamada Timóclea, seu capitão, depois de ter usado de violência com ela, para satisfazer sua avareza e luxúria, perguntou-lhe se ela sabia de algum dinheiro escondido; ao que ela prontamente respondeu que sim, e mandou que ele a seguisse até um jardim, onde lhe mostrou um poço, no qual, disse-lhe ela, quando da tomada da cidade, havia jogado o que tinha de mais valioso. O ganancioso trácio logo se abaixou para ver o lugar onde ele achava que estava o tesouro, ela veio por

trás dele e o empurrou para dentro do poço, e então jogou grandes pedras sobre ele, até matá-lo.

Depois disso, quando os soldados a levaram amarrada a Alexandre, sua fisionomia e seu modo de andar demonstraram que ela era uma mulher digna e de mente não menos elevada, não demonstrando o menor sinal de medo ou espanto. E quando o rei lhe perguntou quem ela era, "Eu sou", disse ela, "a irmã de Theagenes, que lutou na batalha de Queronéia com seu pai Filipe, e morreu no comando pela liberdade da Grécia". Alexandre ficou tão surpreso, tanto com o que ela havia feito quanto com o que ela disse, que não pôde deixar de dar a ela e a seus filhos a liberdade de irem para onde quisessem.

Depois disso, ele recebeu o favor dos atenienses, embora eles tenham se mostrado muito preocupados com a calamidade de Tebas que, por tristeza, omitiram a celebração dos Mistérios e receberam aqueles que escaparam com toda a humanidade possível. Seja porque, como o leão, sua paixão estava agora satisfeita, ou porque, depois de um exemplo de extrema crueldade, ele tinha a intenção de parecer misericordioso, foi bom para os atenienses, pois ele não apenas perdoou todas as ofensas passadas, mas pediu que cuidassem de seus assuntos com vigilância, lembrando que, se ele falhasse, eles provavelmente seriam os administradores da Grécia.

Também é certo que, posteriormente, ele se arrependeu com frequência de sua severidade para com os tebanos, e seu remorso teve tal influência em seu temperamento que o tornou, desde então, menos rigoroso com todos os outros. Ele também atribuiu o assassinato de Clito, que cometeu enquanto bebia vinho, e a relutância dos macedônios em segui-lo contra os indianos, o que deixou seu empreendimento e glória imperfeitos, à ira e vingança de Baco, o protetor de Tebas. E foi observado

que tudo o que qualquer tebano que teve a sorte de sobreviver a essa vitória lhe pedisse, ele certamente concederia sem a menor dificuldade.

Logo depois, os gregos, reunidos no istmo, declararam sua resolução de se unir a Alexandre na guerra contra os persas e o proclamaram seu general. Enquanto ele permaneceu na cidade, muitos ministros públicos e filósofos vieram de todas as partes para visitá-lo e parabenizá-lo por sua eleição, mas, ao contrário do que ele esperava, Diógenes de Sinope, que então vivia em Corinto, não o tinha em tão boa conta porque, em vez de vir cumprimentá-lo, nem sequer saiu do subúrbio chamado Cranium, onde Alexandre o encontrou deitado sozinho ao sol. Ao ver tanta gente por perto, ele se levantou um pouco e se dispôs a olhar para Alexandre e, quando este lhe perguntou gentilmente se queria alguma coisa, disse: "Sim", disse ele, "eu gostaria que você não ficasse entre mim e o sol". Alexandre ficou tão impressionado com essa resposta e surpreso com a grandeza do homem, que não lhe dera tanta atenção, que, ao se afastar, disse aos seus seguidores, os quais estavam rindo da morosidade do filósofo, que se ele não fosse Alexandre, escolheria ser Diógenes.

Em seguida, ele foi a Delfos para consultar Apolo a respeito do sucesso da guerra que havia empreendido e, por ter chegado em um dos dias proibidos, quando era considerado impróprio dar qualquer resposta do oráculo, ele enviou mensageiros para pedir à sacerdotisa que cumprisse seu ofício; e quando ela se recusou, alegando uma lei em contrário, ele mesmo subiu e começou a atraí-la à força para o templo, até que, cansada e vencida por sua importunação, disse: "Meu filho", disse ela, "você é invencível". Alexandre, tomando nota do que ela disse, declarou que havia recebido a resposta que

desejava e que era desnecessário consultar o deus mais uma vez. Entre outros prodígios que acompanharam a partida de seu exército, a imagem de Orfeu em Libethra, feita de madeira de cipreste, foi vista suando em grande abundância, para o desânimo de muitos. Mas Aristandro disse-lhe que, longe de pressagiar qualquer mal para ele, isso significava que ele deveria realizar atos tão importantes e gloriosos que fariam com que os poetas e músicos das eras futuras trabalhassem e suassem para descrevê-los e celebrá-los.

Seu exército, segundo o cálculo dos que consideram a menor quantidade, consistia de trinta mil homens e quatro mil cavalos; e os que consideram a maior quantidade, falam apenas de quarenta e três mil homens e três mil cavalos. Aristobulus diz que ele não tinha um saldo de mais de setenta talentos para o pagamento deles; nem tinha mais de trinta dias de provisão, se acreditarmos em Duris; Onesícrito nos diz que ele tinha uma dívida de duzentos talentos.

Embora os primórdios de um empreendimento de tamanha envergadura pudessem parecer estreitos e desproporcionais, ele não iniciaria a marcha de seu exército até que tivesse se informado particularmente sobre os meios que seus amigos possuíam para segui-lo e suprido suas necessidades, dando boas fazendas a alguns, uma vila a outro e a renda de alguma aldeia ou cidade portuária a outro. Assim, por fim, ele havia repartido ou empenhado quase toda a propriedade real, o que deu a Pérdicas a oportunidade de perguntar o que ele deixaria para si mesmo, e ele respondeu: as esperanças. "Seus soldados", respondeu Pérdicas, "serão seus parceiros nessas coisas", e recusou-se a aceitar a propriedade que ele lhe havia designado. Alguns outros de seus amigos fizeram o mesmo, mas ele concedeu

generosamente ajuda àqueles que de bom grado a receberam ou desejaram, até onde seu patrimônio na Macedônia alcançava, a maior parte do qual foi gasta nessas doações.

Com essas resoluções vigorosas e sua mente assim disposta, ele passou pelo Helesponto e, em Tróia, sacrificou a Minerva e honrou a memória dos heróis que estavam enterrados lá, com libações solenes; especialmente Aquiles, cuja lápide ele ungiu e, com seus amigos, como era costume antigo, correu nu ao redor de seu sepulcro e o coroou com guirlandas, declarando o quanto o considerava feliz por ter tido um amigo tão fiel enquanto viveu e, quando morto, um poeta tão famoso para proclamar suas ações. Enquanto observava o restante das antiguidades e curiosidades do lugar, quando lhe disseram que poderia ver a harpa de Páris, se quisesse, ele disse que não achava que valia a pena vê-la, mas que ficaria feliz em ver a de Aquiles, com a qual costumava cantar as glórias e as grandes ações de homens corajosos.

Alexandre, o Grande, diante da tumba de Aquiles, Johann Heinrich Schönfeld (1672)

Nesse meio tempo, os capitães de Darius, tendo reunido grandes forças, estavam acampados na margem oposta do rio Granicus, e foi necessário lutar, por assim dizer, no portão da Ásia para entrar ali. A profundidade do rio, com o desnível e a difícil subida da margem oposta, que deveria ser conquistada pela força principal, foi temida pela maioria, e alguns declararam que era um momento impróprio para o combate, porque não era comum os reis da Macedônia marcharem com suas forças no mês chamado Dæsius. Mas Alexandre rompeu com esses escrúpulos, dizendo-lhes que deveriam chamá-lo de um segundo Artemisius. E quando Parmênio o aconselhou a não tentar nada naquele dia, porque já era tarde, ele lhe disse que desonraria o Helesponto se temesse o Granicus. E assim, sem dizer mais nada, ele imediatamente tomou o rio com treze tropas de cavalos e avançou contra chuvas inteiras de dardos lançados do lado oposto e íngreme, que estava coberto de multidões

armadas de cavalos e de tropas do inimigo, apesar da desvantagem do terreno e da rapidez da correnteza; de modo que a ação parecia ter mais frenesi e desespero do que uma conduta prudente.

No entanto, ele persistiu obstinadamente em conseguir a passagem e, finalmente, com muito esforço, subiu as margens, que eram extremamente lamacentas e escorregadias, e imediatamente teve que se juntar a um confuso combate corpo a corpo com o inimigo, antes que pudesse reunir seus homens, que ainda estavam passando, para formar uma ordem. Pois o inimigo o pressionava com gritos altos e guerreiros; e atacando cavalo contra cavalo, golpeavam com suas lanças; depois de quebrá-las e gastá-las, atacavam com suas espadas. E Alexandre, sendo facilmente reconhecido por seu escudo e por uma grande pluma de penas brancas em cada lado de seu capacete, foi atacado por todos os lados, mas escapou de ser ferido, embora sua couraça tenha sido perfurada por um dardo em uma das junções. E Rodoesaces e Spithridates, dois comandantes persas, caíram sobre ele de uma só vez, mas ele se esquivou de um deles e atacou Rodoesaces, que tinha uma boa couraça, com tanta força que, quando sua lança se quebrou na mão, ele ficou feliz por ter que usar sua adaga.

Enquanto eles estavam assim engajados, Spithridates veio de um lado dele e, levantando-se sobre seu cavalo, deu-lhe um golpe tão forte com seu machado de batalha no elmo que cortou a crista dele, com uma de suas plumas, e o elmo só foi forte o suficiente para salvá-lo, pois a ponta da arma tocou o cabelo de sua cabeça. Porém, quando se preparava para repetir o golpe, Clito, chamado de Clito Negro, o impediu, atravessando-o no

corpo com sua lança. Ao mesmo tempo, Alexandre matou Rhoesaces com sua espada.

Clito Negro salva Alexandre durante a investida no Granicus.
Adaptação do século XIX da pintura de Charles le Brun.

Enquanto os cavalos estavam perigosamente comprometidos, a falange macedônica passou pelo rio e os soldados de cada lado avançaram para lutar. Mas o inimigo, mal suportando a primeira investida, logo cedeu terreno e fugiu, com exceção dos gregos mercenários, que, posicionando-se em um terreno elevado, pediram

por trégua, o que Alexandre, guiado mais pela paixão do que pelo discernimento, recusou-se a conceder e, atacando-os primeiro, teve seu cavalo (não Bucéfalo, mas outro) morto sob ele. E essa obstinação dele em eliminar esses homens desesperados e experientes custou-lhe a vida de mais soldados seus do que em toda a batalha anterior, além dos que ficaram feridos.

Os persas perderam nessa batalha vinte mil soldados a pé e dois mil e quinhentos a cavalo. Do lado de Alexandre, Aristobulus diz que não faltaram mais do que quarenta e poucos, dos quais nove eram soldados a pé; e em memória deles ele mandou erguer muitas estátuas de bronze, feitas por Lisipo.

E para que os gregos pudessem participar da honra de sua vitória, ele enviou uma parte dos despojos para casa, particularmente para os atenienses trezentos escudos, e em todo o resto ele ordenou que esta inscrição fosse colocada: "Alexandre, filho de Filipe, e os gregos, à exceção dos lacedemônios, ganharam isso dos bárbaros que habitam a Ásia." Todas as roupas de prata e púrpura e outras coisas do mesmo tipo que ele tomou dos persas, exceto uma quantidade muito pequena que ele reservou para si mesmo, enviou como presente para sua mãe.

Em seguida, a batalha provocou uma grande mudança de situação para a vantagem de Alexandre. Pois a própria Sardes, a principal sede do poder bárbaro nas províncias marítimas, e muitos outros lugares consideráveis foram entregues a ele; apenas Halicarnasso e Mileto se destacaram, as quais ele tomou à força, juntamente com o território ao redor delas.

Depois disso, sua opinião sobre como proceder ficou um pouco instável. Às vezes, achava melhor encontrar Darius o mais rápido possível e arriscar tudo em uma

batalha; outras vezes, considerava mais prudente fazer uma completa destruição da costa marítima e não procurar o inimigo até que tivesse exercido seu poder na região e se assegurado dos recursos dessas províncias.

Enquanto ele estava deliberando sobre o que fazer, aconteceu que uma fonte de água perto da cidade de Xanthus, na Lícia, espontaneamente, transbordou de suas margens e lançou uma placa de cobre, na margem da qual estava gravado em caracteres antigos o aviso de que chegaria o momento em que o império persa seria destruído pelos gregos. Encorajado por esse acidente, ele começou a usar as partes marítimas da Cilícia e da Fenícia, e passou seu exército ao longo das costas marítimas da Panfília com tal expedição que muitos historiadores descreveram e exaltaram o fato com aquela grande admiração, como se fosse nada menos que um milagre, e um efeito extraordinário do favor divino, o fato de as ondas, que normalmente vêm rolando violentamente do continente e quase nunca deixam à vista uma praia estreita sob os penhascos íngremes e irregulares, tivessem de repente se retirado para lhe dar passagem.

Menandro, em uma de suas comédias, faz alusão a essa maravilha quando diz

Será que alguma vez Alexandre foi ainda mais favorecido?
Cada homem que busco me encontra em minha porta,
E se eu pedisse passagem pelo mar,
O mar, não duvido, me levaria embora.

No entanto, o próprio Alexandre, em suas epístolas, não menciona nada de incomum nesse fato, mas diz que partiu de Phaselis e passou pelo que eles chamam de Escadas. Em Phaselis, ele ficou algum tempo e,

encontrando a estátua de Theodectes, que era natural dessa cidade e já havia morrido, erguida no mercado, depois de ter jantado e bebido bastante, foi dançar em volta dela e coroou-a com guirlandas, honrando com seu ato a memória de um filósofo cuja conversa ele havia apreciado quando era aluno de Aristóteles.

Em seguida, subjugou os pisidianos que se insurgiram contra ele e conquistou os frígios, em cuja principal cidade, Gordium, que dizem ser a sede do antigo Midas, ele viu a famosa carruagem presa com cordas feitas da casca da árvore de cornel, as quais, segundo a tradição dos habitantes, a quem desatasse, estava reservado o império do mundo. A maioria dos autores conta a história de que Alexandre, não conseguindo desatar o nó, cujas pontas estavam secretamente torcidas e dobradas dentro dele, cortou-o com sua espada. Mas Aristobulus nos diz que foi fácil para ele desfazê-lo, bastando puxar o pino da vara à qual o jugo estava amarrado e, em seguida, puxar o próprio jugo por baixo.

A partir daí, ele avançou para a Paphlagonia e a Capadócia, países que ele logo reduziu à obediência, e então, ao saber da morte de Mêmnon, o melhor comandante que Darius tinha nas costas marítimas, o qual, se tivesse vivido, poderia, supostamente, ter colocado muitos impedimentos e dificuldades no caminho do progresso de suas armas, ele foi encorajado a levar a guerra para as províncias superiores da Ásia.

A essa altura, Darius estava marchando de Susa, muito confiante, não apenas no número de seus homens, que chegava a seiscentos mil, mas também em um sonho, que os adivinhos persas interpretaram mais para lisonjeá-lo do que de acordo com a probabilidade natural. Sonhou que via a falange macedônia toda em chamas e Alexandre esperando por ele, vestido com o mesmo traje

que ele mesmo costumava usar quando era mensageiro do falecido rei; depois disso, entrando no templo de Belus, desapareceu de sua vista. Esse sonho parece ter significado para ele, de forma sobrenatural, as ações ilustres que os macedônios deveriam realizar e que, assim como ele, de mensageiro, havia subido ao trono, Alexandre deveria ser o senhor da Ásia e, não muito tempo depois de suas conquistas, encerrar sua vida com glória.

A confiança de Darius aumentou ainda mais porque Alexandre passou muito tempo na Cilícia, o que ele atribuiu à sua covardia. Mas foi uma doença que o deteve lá, a qual alguns dizem que ele contraiu por causa de seu cansaço, outros por se banhar no rio Cydnus, cujas águas eram extremamente frias. No entanto, nenhum de seus médicos se atreveu a ministrar-lhe qualquer remédio, pois consideravam seu caso tão desesperador e temiam as suspeitas e a má vontade dos macedônios caso falhassem na cura; até que Filipe, o acarnaniano, vendo o quão crítico era o caso, mas confiando em sua própria e conhecida amizade por ele, resolveu tentar os últimos esforços de sua arte, e preferiu arriscar seu próprio crédito e vida a permitir que Alexandre perecesse por falta de remédios, os quais confiantemente administrou a este, encorajando-o a tomá-los com coragem, se desejasse uma rápida recuperação, a fim de prosseguir com a guerra.

Nessa mesma época, Parmênio escreveu a Alexandre desde o acampamento, pedindo-lhe que tomasse cuidado com Filipe, pois este havia sido subornado por Darius a fim de matá-lo, com grandes somas de dinheiro e uma promessa de casamento de sua filha. Depois de ler a carta, ele a colocou debaixo do travesseiro, sem mostrá-la a nenhum de seus amigos mais íntimos, e

quando Filipe chegou com a poção, ele a pegou com grande alegria e segurança, dando-lhe a carta para ler. Esse foi um espetáculo que valeu a pena assistir, ver Alexandre tomando a poção e Filipe lendo a carta ao mesmo tempo, e depois se virando e olhando um para o outro, mas com sentimentos distintos; pois os olhares de Alexandre eram alegres e receptivos, demonstrando sua bondade e confiança em seu médico, enquanto o outro estava cheio de surpresa e alarme com a acusação, apelando aos deuses para que testemunhassem sua inocência, às vezes levantando as mãos para o céu e depois se jogando ao lado da cama e suplicando a Alexandre que deixasse de lado todo o medo e seguisse suas instruções sem apreensão. No início, o remédio teve um efeito tão forte que levou, por assim dizer, as forças vitais ao seu interior; ele perdeu a fala e, caindo em um desmaio, quase não tinha mais sentidos ou pulso. No entanto, em pouco tempo, por meio de Filipe, sua saúde e força voltaram, e ele se mostrou em público aos macedônios, que ficaram com medo e desânimo contínuos até que o viram novamente nas ruas.

Naquela época, havia no exército de Darius um refugiado macedônio, chamado Amyntas, que conhecia muito bem o caráter de Alexandre. Esse homem, quando viu que Darius pretendia atacar o inimigo nas passagens e desfiladeiros, aconselhou-o seriamente a permanecer onde estava, nas planícies abertas e extensas, pois a vantagem de um exército numeroso é ter espaço suficiente no campo quando se envolve com uma força menor. Darius, em vez de seguir seu conselho, disse-lhe que temia que o inimigo tentasse fugir e, assim, Alexandre escaparia de suas mãos. "Esse temor", respondeu Amyntas, "é desnecessário, pois assegure-se de que, longe de evitá-lo, ele fará todo o possível para encontrá-lo e, muito provavelmente, já está marchando

em sua direção". Mas o conselho de Amyntas foi inútil, pois Darius, imediatamente, retirando-se, marchou para a Cilícia ao mesmo tempo em que Alexandre avançava para a Síria a fim de encontrá-lo; e, sem se verem durante a noite, ambos recuaram.

Alexandre, muito satisfeito com o acontecimento, apressou-se ao máximo para lutar nos desfiladeiros, e Darius para recuperar seu terreno anterior e retirar seu exército de um lugar tão desvantajoso. Porque agora ele começou a perceber seu erro ao se embrenhar demais em um país no qual o mar, as montanhas e o rio Pinarus, que corria ao longo do território, exigiriam que ele dividisse suas forças, tornando seus cavalos quase inutilizáveis e apenas cobrindo e apoiando a fraqueza do inimigo.

Nada faltava para completar essa vitória, na qual Alexandre derrotou mais de cento e dez mil de seus inimigos, a não ser a captura da pessoa de Darius, que escapou por muito pouco, fugindo. No entanto, tendo tomado sua carruagem e seu arco, Alexandre retornou de sua perseguição e encontrou seus próprios homens ocupados em saquear o acampamento dos bárbaros, que (apesar de terem deixado a maior parte de sua bagagem em Damasco a fim de se livrarem do peso) era extremamente rico.

Mas a tenda de Darius, que estava cheia de móveis esplêndidos e quantidades de ouro e prata, eles reservaram para o próprio Alexandre, o qual, depois de despojar-se de suas armas, foi banhar-se, dizendo: "Vamos agora nos purificar das labutas da guerra no banheiro de Darius". "Não é bem assim", respondeu um de seus seguidores, "mas sim no de Alexandre, pois a propriedade do conquistado é e deve ser chamada de propriedade do conquistador". Ali, quando ele observou

os vasos de banho, os potes de água, as bacias e as caixas de unguento, todos de ouro curiosamente trabalhados, e sentiu os odores perfumados com os quais todo o lugar era requintadamente perfumado, e dali passou para um pavilhão de grande tamanho e altura, onde os sofás, as mesas e os preparativos para um entretenimento eram perfeitamente magníficos, ele se virou para os que estavam ao seu redor e disse: "Parece que isso é a realeza".

Entretanto, quando ele estava indo para o jantar, foi informado de que a mãe, a esposa e as duas filhas solteiras de Darius, que haviam sido levadas entre os demais prisioneiros, ao verem sua carruagem e seu arco, estavam todas de luto e tristes, imaginando que ele estivesse morto. Depois de uma pequena pausa, mais preocupado com a aflição delas do que com seu próprio sucesso, ele enviou Leonnatus a elas, para que soubessem que Darius não estava morto e que não precisavam temer nenhum mal por parte de Alexandre, que só fez guerra contra ele por causa do domínio; elas mesmas deveriam receber tudo o que estavam acostumadas a receber de Darius.

A família de Darius em frente a Alexandre, de Justus Sustermans.

Essa mensagem gentil não poderia deixar de ser muito bem-vinda para as moças cativas, especialmente sendo compensada por ações não menos humanas e generosas. Pois ele lhes deu permissão para enterrar quem quisessem dentre os persas e para usar, para esse fim, as roupas e os móveis que achassem adequados do espólio. Ele não diminuiu nada de seus equipamentos, nem das atenções e do respeito que lhes eram dispensados anteriormente, e permitiu pensões maiores para sua manutenção do que as que tinham antes. Mas a parte mais nobre e real de seu uso era que ele tratava essas ilustres prisioneiras de acordo com sua virtude e caráter, não permitindo que ouvissem ou recebessem, ou sequer apreendessem qualquer coisa que fosse imprópria. Assim, pareciam antes alojadas em algum templo, ou em alguma câmara sagrada e virgem, onde desfrutavam de sua privacidade sagrada e ininterrupta, do que no acampamento de um inimigo.

No entanto, a esposa de Darius era considerada a mais bela princesa da época, assim como seu marido era o homem mais alto e bonito de seu tempo, e as filhas não eram indignas de seus pais. Porém, Alexandre, por considerar mais importante governar a si mesmo do que conquistar seus inimigos, não procurou intimidade com nenhuma delas, nem mesmo com qualquer outra mulher antes do casamento, exceto Barsine, a viúva de Mêmnon, que foi feita prisioneira em Damasco. Ela havia sido instruída nos estudos gregos, era de temperamento gentil e, por seu pai, Artabazus, era descendente da realeza. Essas boas qualidades, somadas às solicitações e ao encorajamento de Parmênio, como nos conta Aristobulus, fizeram com que ele ficasse ainda mais disposto a se unir a uma mulher tão agradável e ilustre.

Quanto ao restante das mulheres cativas, embora notavelmente bonitas e bem proporcionadas, ele não fez mais nenhuma observação além de dizer, em tom de brincadeira, que as mulheres persas eram terrivelmente desagradáveis. E ele mesmo, retaliando, por assim dizer, com a exibição da beleza de sua própria temperança e auto-controle, ordenou que fossem removidas, como teria feito com outras imagens sem vida.

Quando Philoxenus, seu tenente na costa marítima, escreveu-lhe para saber se ele compraria dois jovens de grande beleza, que um Theodorus, um tarentino, tinha para vender, ele ficou tão ofendido que muitas vezes discutiu com seus amigos qual era a baixeza que Philoxenus havia observado nele para que tivesse a presunção de lhe fazer uma oferta tão reprovável. E imediatamente lhe escreveu uma carta muito incisiva, dizendo-lhe que Theodorus e sua mercadoria poderiam ir para a destruição juntamente com sua boa vontade. Ele também não foi menos severo com Hagnon, que lhe

disse que compraria um jovem coríntio chamado Crobylus como presente para ele.

E ao saber que Damon e Timotheus, dois dos soldados macedônios de Parmênio, haviam abusado das esposas de alguns estrangeiros que estavam sob seu comando, ele escreveu a Parmênio, ordenando-lhe estritamente que, se os considerasse culpados, os matasse, como animais selvagens que foram feitos apenas para causar danos à humanidade. Na mesma carta, declarou que não tinha visitado ou desejado visitar esposa de Darius, nem permitido que alguém falasse de sua beleza diante dele. Ele costumava dizer que o sono e o ato da geração o faziam sentir principalmente que era mortal, como se dissesse que o cansaço e o prazer procedem ambos da mesma fragilidade e imbecilidade da natureza humana.

Em sua dieta, também, ele era muito moderado, como se vê, omitindo muitas outras circunstâncias, pelo que disse a Ada, a quem adotou com o título de mãe e, posteriormente, constituiu rainha de Caria. Pois quando ela, por gentileza, enviava-lhe todos os dias muitos pratos e doces curiosos, e queria fornecer-lhe alguns cozinheiros e pasteleiros que eram considerados muito habilidosos, ele lhe disse que não queria nenhum deles, pois seu preceptor, Leônidas, já havia lhe dado os melhores, os quais se resumiam numa marcha noturna para preparar o café da manhã e um desjejum moderado que criasse apetite para o jantar. Leônidas também, acrescentou, costumava abrir e vasculhar os móveis de seu quarto e seu guarda-roupa, para ver se sua mãe havia lhe deixado algo delicado ou supérfluo.

Ele era muito menos viciado em vinho do que geralmente se acreditava; o que dava às pessoas a oportunidade de pensar assim dele era o fato de que, quando não tinha mais nada para fazer, adorava sentar-

se e conversar, em vez de beber, e a cada taça mantinha uma longa conversa. Porque, quando seus afazeres o exigiam, ele não se detinha, como outros generais, nem com vinho, nem com sono, nem com solenidades nupciais, nem com espetáculos, nem com qualquer outra diversão; prova convincente disso é o fato de que, no curto período de sua vida, ele realizou muitas e grandes ações.

Quando chegava à noite, depois de tomar banho e ser ungido, ele chamava seus padeiros e cozinheiros-chefes para saber se o jantar estava pronto. Ele nunca se importava em jantar até que fosse bem tarde e começasse a escurecer, e era extremamente cauteloso durante as refeições para que todos que estivessem sentados com ele fossem servidos da mesma forma e com a devida atenção; e seu gosto por conversar, como já foi dito, fazia com que ele se deleitasse em ficar sentado por muito tempo tomando vinho. E então, embora a conversa de nenhum outro príncipe fosse tão agradável, ele caía em um temperamento de ostentação e de vanglória militar, o que dava a seus bajuladores uma grande vantagem para manipulá-lo e deixava seus melhores amigos muito desconfortáveis. Porque, embora considerassem muito baixo disputar quem o bajulava mais, achavam perigoso não fazê-lo, de modo que, entre a vergonha e o perigo, ficavam em uma situação muito difícil de como se comportar. Depois de tal entretenimento, ele costumava se banhar, e então talvez dormisse até o meio-dia, e às vezes o dia todo.

Ele era tão moderado em sua alimentação que, quando lhe enviavam peixes ou frutas raras, ele os distribuía entre os amigos e, muitas vezes, não reservava nada para si. Sua mesa, no entanto, era sempre magnífica, e as despesas aumentavam ainda mais com sua boa

fortuna, até chegarem a dez mil dracmas por dia, quantia à qual ele se limitava e, além disso, ele não admitia que ninguém se excedesse em qualquer entretenimento em que ele próprio fosse o anfitrião.

Após a batalha de Issus, ele enviou uma missão a Damasco para se apoderar do dinheiro e das bagagens, das esposas e dos filhos dos persas, dos quais os cavaleiros tessalianos tiveram a maior parte, pois ele havia prestado atenção especial à sua bravura na luta e os enviou para lá com o propósito de fazer com que a recompensa fosse adequada à sua coragem. Não obstante, o restante do exército ficou com uma parte tão considerável do saque que foi suficiente para enriquecer a todos.

A Batalha de Alexandre em Issus, Albrecht Altdorfer (1529)

Isso fez com que os macedônios sentissem o gosto da riqueza, das mulheres e do esplendor bárbaro da vida dos persas, de tal modo que estavam prontos para persegui-los e segui-los com toda a avidez de cães de caça em busca de um cheiro. Mas Alexandre, antes de prosseguir, achou necessário se assegurar da costa marítima. Os governantes de Chipre colocaram essa ilha em sua posse, e a Fenícia, com exceção de Tiro, foi entregue a ele.

Durante o cerco a essa cidade, que, com montes de terra erguidos, máquinas de arremesso e duzentas galés por mar, durou sete meses, ele sonhou que via Hércules

sobre as muralhas, estendendo as mãos e chamando-o. E muitos dos tírios, em seu sono, fantasiaram que Apolo lhes dizia que estava descontente com suas ações e que estava prestes a abandoná-los a favor de Alexandre. Então, como se o deus fosse um soldado desertor, eles o agarraram, por assim dizer, no ato, amarraram a estátua com cordas e a pregaram no pedestal, censurando-o por ser um defensor de Alexandre. Em outra ocasião, Alexandre sonhou que via um sátiro zombando dele à distância e, quando se esforçava para pegá-lo, este ainda conseguia escapar, até que, finalmente, com muita perseverança e correria atrás dele, conseguiu colocá-lo em seu poder. Os adivinhos, fazendo de *Satyrus* duas palavras, garantiram-lhe que Tiro seria sua. Hoje em dia, os habitantes mostram uma fonte de água, perto da qual dizem que Alexandre dormia quando imaginava que o sátiro havia lhe aparecido.

Enquanto o corpo do exército estava diante de Tiro, ele fez uma excursão contra os árabes que habitavam o Monte Antilibanus, na qual arriscou sua vida extremamente a fim de trazer seu mestre, Lysimachus, que necessitava ir com ele, declarando que não era nem mais velho nem inferior em coragem a Phœnix, guardião de Aquiles. Pois quando, abandonando os cavalos, começaram a subir as colinas a pé, o resto dos soldados foi muito mais rápido do que eles, de modo que, com o cair da noite e o inimigo se aproximando, Alexandre teve vontade de ficar para trás mais tempo, para encorajar e ajudar o velho cansado e atrasado, e antes que ele percebesse foi deixado para trás, bem longe de seus soldados, com uma pequena companhia, e forçado a passar uma noite extremamente fria no escuro e em um lugar muito inconveniente; até que, vendo muitas fogueiras espalhadas pelo inimigo a certa distância, confiando em sua agilidade corporal, e considerando que

ele próprio sempre costumava se submeter a trabalhos e fadigas para animar e apoiar os macedônios em qualquer aflição, correu direto para uma das fogueiras mais próximas e, com sua adaga, eliminou dois dos bárbaros que estavam sentados ao lado dela, pegou um graveto aceso e voltou com ele para seus próprios homens. Eles imediatamente fizeram uma grande fogueira, o que alarmou tanto o inimigo que a maioria deles fugiu, e os que os atacaram foram logo derrotados, e assim eles descansaram com segurança o resto da noite. É o que escreve Chares.

Contudo, voltando ao cerco, o resultado foi o seguinte. Alexandre, para refrescar seu exército, atormentado por muitos confrontos anteriores, havia conduzido apenas um pequeno grupo em direção às muralhas, mais para manter o inimigo ocupado do que com qualquer perspectiva de grande vantagem. Naquela ocasião, Aristandro, o adivinho, depois de ter sacrificado, ao ver as entranhas, afirmou com confiança aos que estavam por perto que a cidade certamente seria tomada naquele mesmo mês, o que provocou risos e zombarias entre os soldados, já que aquele era o último dia. O rei, vendo-o em perplexidade e sempre ansioso para apoiar o crédito das previsões, deu ordem para que não contassem esse dia como o trigésimo, mas como o vigésimo terceiro do mês e, ordenando que as trombetas soassem, atacou as muralhas mais seriamente do que pretendia a princípio. A agudeza do ataque inflamou de tal modo o restante de suas forças que permaneciam no acampamento, que eles não puderam deixar de avançar para apoiá-lo, o que fizeram com tanto vigor que os tírios se retiraram, e a cidade foi tomada naquele mesmo dia.

Uma ação naval durante o cerco de Tiro, André Castaigne (1888-1889)

O próximo lugar em que ele se posicionou foi em Gaza, uma das maiores cidades da Síria, quando este acidente aconteceu: um grande pássaro que voava sobre ele deixou um torrão de terra cair em seu ombro e, depois de pousar em uma das máquinas de arremesso, foi subitamente enredado e preso nas redes, compostas de tendões, que protegiam as cordas com as quais a máquina era manejada. Isso aconteceu exatamente de acordo com a previsão de Aristandro, que era a de que Alexandre seria ferido e a cidade seria conquistada.

Dali ele enviou grande parte dos despojos para Olímpia, Cleópatra e o resto de seus amigos, sem omitir seu preceptor Leônidas, a quem ofereceu quinhentos talentos de incenso e cem de mirra, em lembrança das esperanças que havia expressado sobre ele quando era apenas uma criança. Parece que Leônidas, estando ao lado dele um dia enquanto ele sacrificava e vendo-o pegar as duas mãos cheias de incenso para jogar no fogo, disse-lhe que deveria ser mais moderado em suas ofertas e não ser tão abundante até que dominasse os países de onde vêm essas doces gomas e especiarias. Então Alexandre lhe escreveu, dizendo: "Nós lhe enviamos uma grande quantidade de mirra e incenso, para que no futuro você não seja mesquinho com os deuses".

Entre os tesouros e outros espólios que foram tomados de Darius, havia um baú muito precioso que, sendo levado a Alexandre por ser muito raro, ele perguntou aos que o cercavam o que eles achavam mais adequado para ser guardado nele; e quando eles deram suas várias opiniões, ele lhes disse que deveria guardar nele a *Ilíad*a de Homero. Isso é atestado por muitos autores confiáveis, e se o que os de Alexandria nos dizem, confiando na autoridade de Heráclides, for verdade, Homero não foi um companheiro ocioso nem inútil para ele em sua expedição.

Pois, quando dominava o Egito e pretendia estabelecer ali uma colônia de gregos, resolveu construir uma cidade grande e populosa e dar-lhe seu próprio nome. Para isso, depois de ter medido e demarcado o terreno com o conselho dos melhores arquitetos, certa noite, enquanto dormia, teve uma visão maravilhosa; um velho de cabeça grisalha, de aspecto venerável, pareceu estar ao lado dele e pronunciou estes versos: —

Há uma ilha, onde as ondas rugem alto,
Chamam-na de Pharos, na costa do Egito.

Diante disso, Alexandre imediatamente se levantou e foi para Pharos, que naquela época era uma ilha situada um pouco acima da boca canópica do rio Nilo, embora agora tenha sido unida à terra firme por um molhe. Assim que viu a situação cômoda do lugar, que era um longo pescoço de terra, estendendo-se como um istmo entre grandes lagoas e águas rasas de um lado e o mar do outro, sendo que este último, no final, formava um porto espaçoso, ele disse que Homero, além de suas outras excelências, era um arquiteto muito bom, e ordenou que o plano de uma cidade fosse desenhado de acordo com o lugar. Para isso, por falta de giz, já que o solo era preto, eles traçaram suas linhas com farinha, tomando uma grande extensão de terreno em uma figura semicircular e desenhando no interior da circunferência linhas retas iguais a partir de cada extremidade, dando-lhe assim algo parecido com a forma de um manto ou capa.

Enquanto ele se satisfazia com seu projeto, de repente, um número infinito de grandes pássaros de vários tipos, saindo como uma nuvem negra do rio e do lago, devorou cada pedaço da farinha que havia sido usada para traçar as linhas; diante desse presságio, até mesmo o próprio Alexandre ficou perturbado, até que os áugures restauraram sua confiança novamente, dizendo-lhe que era um sinal de que a cidade que ele estava prestes a construir não só seria abundante em todas as coisas dentro de si mesma, mas também seria a ama e alimentadora de muitas nações. Ele ordenou que os trabalhadores prosseguissem, enquanto ele ia visitar o templo de Ammon.

Alexandre, o Grande, fundando Alexandria, Placido Costanzi (1736-1737)

Essa foi uma viagem longa e penosa e, em dois aspectos, perigosa; primeiro, se eles perdessem o suprimento de água, pois por vários dias não conseguiriam obtê-la; e, segundo, se um violento vento sul se levantasse sobre eles, enquanto estivessem viajando pela vasta extensão de areias profundas, como se diz que aconteceu quando Cambises liderou seu exército naquela direção, soprando a areia em montes e levantando, por assim dizer, todo o deserto como um mar sobre eles, de modo que cinquenta mil foram engolidos e destruídos com isso.

Todas essas dificuldades foram ponderadas e apresentadas a ele, mas Alexandre não se deixava desviar facilmente de qualquer coisa em que estivesse empenhado. A sorte, que até então o havia apoiado em seus projetos, tornou-o resoluto e firme em suas opiniões, e a ousadia de seu temperamento despertou nele uma espécie de paixão por superar as dificuldades,

porque não era suficiente ser sempre vitorioso no campo de batalha, salvo se os lugares, as estações e a própria natureza se submetessem a ele.

Nessa jornada, o alívio e a assistência que os deuses lhe proporcionaram em suas aflições foram mais notáveis e obtiveram maior crença do que os oráculos que ele recebeu posteriormente, os quais, no entanto, foram mais valorizados e creditados por causa dessas ocorrências.

Em primeiro lugar, as chuvas abundantes que caíam os preservavam de qualquer medo de perecer por causa da seca e, aliviando a extrema secura da areia, que agora se tornava úmida e firme para viajar, limpavam e purificavam o ar. Ademais, quando estavam fora de seu caminho e vagavam para cima e para baixo, porque as marcas que costumavam direcionar os guias estavam desordenadas e perdidas, eles eram corrigidos novamente por alguns corvos, que voavam à frente deles quando estavam em sua marcha e os esperavam quando se demoravam e ficavam para trás; e o maior milagre, como Callisthenes nos conta, era que se alguém da companhia se perdesse durante a noite, eles nunca deixavam de coaxar e fazer barulho até que, por esse meio, eles os trouxessem para o caminho certo novamente.

Tendo atravessado o deserto, chegaram ao lugar onde o sumo sacerdote, na primeira saudação, deu as boas-vindas a Alexandre, da parte de seu pai Ammon. E sendo-lhe perguntado se algum dos assassinos de seu pai havia escapado da punição, ordenou-lhe que falasse com mais respeito, uma vez que o pai dele próprio não era um mortal. Então Alexandre, mudando de expressão, desejou saber dele se algum dos que assassinaram Filipe ainda estava impune e, além disso, com relação ao

domínio, se o império do mundo estava reservado para ele. Isso, respondeu o deus, ele deveria obter, e que a morte de Filipe havia sido totalmente vingada, fato que lhe deu tanta satisfação que ele fez esplêndidas oferendas a Júpiter e deu aos sacerdotes presentes muito ricos. Isso é o que a maioria dos autores escreve sobre os oráculos.

Mas Alexandre, em uma carta à sua mãe, disse-lhe que havia algumas respostas secretas que, ao retornar, ele comunicaria somente a ela. Outros dizem que o sacerdote, desejoso, por uma questão de cortesia, de se dirigir a ele em grego, "O *Paidion*", por um lapso na pronúncia terminou com o *s* em vez do *n*, e disse "O *Paidios*", erro com o qual Alexandre ficou bastante satisfeito, e tornou-se consenso que o oráculo o havia chamado assim.

Entre as afirmações de um filósofo, Psammon, que ele ouviu no Egito, a que mais aprovou foi a de que todos os homens são governados por Deus, porque, em tudo, aquilo que é principal e comanda é divino. Mas o que ele mesmo disse sobre esse assunto foi ainda mais parecido com um filósofo, pois ele disse que Deus era o pai comum de todos nós, mas mais particularmente do melhor de nós.

Perante os bárbaros, ele se comportava com muita altivez, como se estivesse plenamente convencido de seu nascimento e ascendência divinos; mas perante os gregos era mais moderado e com menos afetação de divindade, exceto uma vez, ao escrever para os atenienses sobre Samos, quando lhes disse que ele mesmo não deveria ter concedido a eles aquela cidade livre e gloriosa: "Vocês a receberam", disse ele, "da generosidade daquele que naquela época era chamado de meu senhor e pai", ou seja, Filipe. No entanto, depois

de ser ferido por uma flecha e sentir muita dor, ele se voltou para os que estavam ao seu redor e lhes disse: "Isto, meus amigos, é sangue verdadeiro, e não *ichor.* —

Como os deuses imortais costumam derramar.”

E em outra ocasião, quando trovejou tanto que todos ficaram com medo, e Anaxarchus, o sofista, perguntou-lhe se ele, que era filho de Júpiter, poderia fazer algo assim: "Não", disse Alexandre, rindo, "não desejo ser formidável para meus amigos, como você quer que eu seja, que desprezou minha mesa por estar cheia de peixes, e não de cabeças de governadores de províncias". Pois, de fato, é relatado como verdade que Anaxarchus, ao ver um presente de pequenos peixes que o rei enviou a Hephæstion, usou essa expressão, em uma espécie de ironia e menosprezo àqueles que se submetem a grandes trabalhos e enfrentam grandes perigos em busca de objetos magníficos os quais, no final das contas, lhes trazem pouco mais prazer ou satisfação do que os outros têm. Do que eu disse sobre esse assunto, fica evidente que Alexandre não era tolamente afetado ou tinha a vaidade de se considerar realmente um deus, mas apenas usava suas reivindicações de divindade como um meio de manter entre outras pessoas o senso de sua superioridade.

Em seu retorno do Egito para a Fenícia, ele sacrificava e fazia procissões solenes, às quais se juntavam espetáculos de danças líricas e tragédias, notáveis não apenas pelo esplendor dos equipamentos e decorações, mas pela competição entre aqueles que os exibiam. Pois os reis de Chipre apresentavam-se aqui como expositores, exatamente da mesma maneira que em Atenas se escolhem por sorteio os que estão dentre as tribos. E, de fato, eles demonstraram grande estimulação para superar uns aos outros; especialmente Nicocreonte,

rei de Salamina, e Pasicrates de Soli, que forneceu o coro e custeou as despesas dos dois atores mais famosos, Athenodorus e Thessalus, o primeiro atuando para Pasicrates e o segundo para Nicocreonte. Thessalus foi o mais favorecido por Alexandre, embora isso não tenha aparecido até que Athenodorus foi declarado vencedor pela pluralidade de votos. Ao se despedir, ele disse que os juízes mereciam ser elogiados pelo que haviam feito, mas que de bom grado teria preferido perder parte de seu reino a ver Thessalus vencer.

No entanto, quando ele soube que Athenodorus havia sido multado pelos atenienses por estar ausente nos festivais de Baco, embora tenha recusado seu pedido de escrever uma carta em seu nome, ele lhe deu uma quantia suficiente para satisfazer a penalidade.

Em outra ocasião, quando Lycon de Scarphia atuou no teatro recebendo grandes aplausos e, em um verso que introduziu na parte cômica que estava representando, implorou por um presente de dez talentos, ele riu e lhe deu o dinheiro.

Darius escreveu-lhe uma carta e enviou amigos para interceder junto a ele, pedindo-lhe que aceitasse como resgate de seus cativos a soma de mil talentos e oferecendo-lhe em troca de sua amizade e aliança todos os países deste lado do rio Eufrates, juntamente com uma de suas filhas em casamento. Essas propostas Alexandre comunicou a seus amigos e, quando Parmênio lhe disse que, de sua parte, se ele fosse Alexandre, ele as aceitaria prontamente, "Eu também aceitaria", disse Alexandre, "se eu fosse Parmênio". Assim, sua resposta a Darius foi que, se ele viesse e se entregasse ao seu poder, o trataria com toda a bondade possível; caso contrário, ele estava decidido a ir imediatamente procurá-lo. Mas a morte da esposa de Darius durante o

parto fez com que ele logo se arrependesse de uma parte dessa resposta, e ele demonstrou sinais evidentes de tristeza por ter sido privado de uma nova oportunidade de exercer sua clemência e boa natureza, o que ele manifestou, no entanto, tanto quanto pôde, dando a ela um funeral muito suntuoso.

Entre os eunucos que serviam na sala da rainha e foram feitos prisioneiros com as mulheres, havia um tal de Tireus que, saindo do acampamento, fugiu a cavalo para Darius, para informá-lo da morte de sua esposa. Este, ao saber do fato, batendo a cabeça, começou a chorar e a se lamentar e disse: "Ai de mim, como é grande a calamidade dos persas! Não bastasse o fato de a consorte e irmã de vosso rei ter sido prisioneira durante sua vida, agora que está morta, ela também deve ser enterrada de forma mesquinha e obscura?". "Ó rei", respondeu o eunuco, "quanto aos ritos fúnebres dela, ou qualquer respeito ou honra que devesse ter sido demonstrado neles, você não tem a menor razão para atribuir à má sorte de seu país; pois, pelo que sei, nem sua rainha Statira, quando viva, nem tua mãe, nem tuas filhas, desejavam qualquer coisa de sua antiga condição feliz, a menos que fosse a luz de seu semblante, que não duvido que o senhor Oromasdes ainda restaure à sua antiga glória. E depois de sua morte, eu lhe asseguro, ela não só teve todos os ornamentos fúnebres devidos, mas também foi honrada com as lágrimas de seus próprios inimigos, pois Alexandre é tão gentil após a vitória quanto é terrível no campo de batalha."

Ao ouvir essas palavras, o pesar e a emoção de Darius foram tão grandes que o levaram a suspeitas extravagantes; e levando Tireus para uma parte mais reservada de sua tenda, "A menos que você também", disse-lhe ele, "tenha me abandonado, juntamente com a

boa sorte da Pérsia, e se tornado um macedônio em seu coração; se ainda me tens por teu senhor Darius, dize-me, eu te ordeno, pela veneração que prestas à luz de Mitra e a esta mão direita de teu rei, não lamento eu a menor das desgraças de Statira em seu cativeiro e morte? Não sofri coisa mais prejudicial e deplorável em vida dela? E não teria sido eu miserável e com menos desonra se tivesse me deparado com um inimigo mais severo e desumano? Pois como é possível que um jovem como ele trate a esposa de seu oponente com tanta distinção, se não fosse por algum motivo que me envergonha?"

Enquanto ele ainda falava, Tireus se jogou a seus pés e lhe implorou que não injustiçasse de tal modo a Alexandre, nem a sua falecida esposa e irmã, a ponto de expressar tais pensamentos, que o privavam do maior consolo que lhe restava em sua adversidade, a crença de que havia sido vencido por um homem cujas virtudes elevavam-no acima da natureza humana; que ele deveria olhar para Alexandre com amor e admiração, que havia dado não menos provas de sua continência para com as mulheres persas do que de sua valentia entre os homens.

O eunuco confirmou tudo o que disse com juramentos solenes e terríveis, e estava falando ainda mais sobre a moderação e a magnanimidade de Alexandre em outras ocasiões, quando Darius, afastando-se dele para a outra divisão da tenda, onde estavam seus amigos e cortesãos, ergueu as mãos para o céu e fez a seguinte oração: "Ó deuses! ", disse ele, "da minha família e do meu reino, se for possível, peço-lhes que restaurem os assuntos da Pérsia que estão em declínio, para que eu possa deixá-los em uma condição tão próspera quanto a que encontrei, e que eu possa retribuir a Alexandre com

gratidão a bondade que, em minha adversidade, ele demonstrou àqueles que me são mais queridos. Mas se, de fato, o momento fatal chegar, que deve dar um fim à monarquia persa, se nossa ruína for uma dívida que deve ser paga ao ciúme divino e à vicissitude das coisas, então peço que concedam que nenhum outro homem além de Alexandre possa sentar-se no trono de Cyrus". Essa é a narrativa dada pela maioria dos historiadores.

Mas voltando a Alexandre. Depois de ter conquistado toda a Ásia deste lado do Eufrates, ele avançou em direção a Darius, que estava descendo contra ele com um milhão de homens. Em sua marcha, aconteceu uma passagem muito ridícula. Os servos que acompanhavam o acampamento por esporte dividiram-se em dois grupos e chamaram o comandante de um deles de Alexandre e o do outro de Darius. No início, eles apenas se atacavam com torrões de terra, mas logo pegaram os punhos e, por fim, acalorados pela contenda, lutaram seriamente com pedras e paus, de modo que tiveram muito trabalho para separá-los; até que Alexandre, ao saber disso, ordenou que os dois capitães decidissem a disputa em um único combate e armou aquele que levava seu nome, enquanto Philotas fez o mesmo com aquele que representava Darius. Todo o exército estava assistindo a esse confronto, desejando que o evento fosse um presságio de seu próprio sucesso futuro. Depois de terem lutado com firmeza por um bom tempo, finalmente aquele que se chamava Alexandre levou a melhor e, como recompensa por sua destreza, recebeu doze aldeias e permissão para usar o traje persa. É o que nos conta Eratóstenes.

Porém, a grande batalha de todas as que foram travadas com Darius não foi, como a maioria dos escritores nos diz, em Arbela, mas em Gaugamela, que, na língua deles, significa a casa do camelo, pois um de seus antigos reis,

tendo escapado da perseguição de seus inimigos em um veloz camelo, em gratidão a seu animal, estabeleceu-o nesse lugar, com uma mesada de certas aldeias e aluguéis para sua manutenção.

Aconteceu que no mês de Boëdromion, por volta do início da festa dos Mistérios em Atenas, houve um eclipse da lua, na décima primeira noite após o qual, estando os dois exércitos à vista um do outro, Darius manteve seus homens em armas e, à luz de tochas, fez uma revista geral deles. Mas Alexandre, enquanto seus soldados dormiam, passou a noite diante de sua tenda com seu adivinho, Aristandro, realizando certas cerimônias misteriosas e sacrificando ao deus Medo.

Nesse meio tempo, os comandantes mais antigos, principalmente Parmênio, quando viram toda a planície entre Niphates e as montanhas Gordyæan brilhando com as luzes e fogueiras feitas pelos bárbaros, e ouviram os sons incertos e confusos de vozes fora de seu acampamento, semelhante ao rugido distante de um vasto oceano, ficaram tão espantados com os pensamentos a respeito de uma multidão tão grande que, depois de conversarem um pouco entre si, concluíram que era um empreendimento muito difícil e arriscado para eles enfrentar um inimigo tão numeroso durante o dia e, portanto, ao se encontrarem com o rei quando ele voltava do sacrifício, rogaram-lhe que atacasse Darius à noite, para que a escuridão pudesse esconder o perigo da batalha que se seguiria.

A isso, ele lhes deu a célebre resposta: "Não roubarei uma vitória", a qual, embora alguns na época considerassem um discurso infantil e imprudente, como se ele estivesse brincando com o perigo, outros, no entanto, consideraram uma evidência de que ele confiava em sua condição atual e agia com base em um

julgamento verdadeiro do futuro, não querendo deixar a Darius, caso fosse derrotado, o pretexto de estar novamente à mercê de sua sorte, o que ele poderia supor que tivesse, se pudesse atribuir sua derrota à desvantagem da noite, como fizera antes com as montanhas, as passagens estreitas e o mar. Pois enquanto ele tinha forças tão numerosas e grandes domínios ainda remanescentes, não era a falta de homens ou armas que poderia induzi-lo a desistir da guerra, mas apenas a perda de toda a coragem e esperança com a convicção de uma derrota inegável e manifesta.

Depois que se afastaram dele com essa resposta, ele se deitou em sua tenda e dormiu o resto da noite mais profundamente do que de costume, para espanto dos comandantes, que foram até ele de manhã cedo e estavam ansiosos para ordenar que os soldados tomassem o café da manhã. Mas, por fim, como o tempo não lhes permitia esperar mais, Parmênio foi até sua cama e o chamou duas ou três vezes pelo nome, até acordá-lo, e então lhe perguntou como era possível que, quando ele estava para lutar a batalha mais importante de todas, pudesse dormir tão profundamente como se já estivesse vitorioso. "E não é verdade que assim estamos", respondeu Alexandre, sorrindo, "uma vez que finalmente nos livramos do incômodo de vagar em busca de Darius por um país vasto e devastado, esperando em vão que ele lutasse conosco?"

E não apenas antes da batalha, mas no auge do perigo, ele se mostrou grandioso e manifestou a auto-confiança de uma previsão e decisão justas. Pois a batalha, por algum tempo, oscilou e foi duvidosa. A ala esquerda, comandada por Parmênio, foi tão impetuosamente atacada pelos cavalos bactrianos que ficou desordenada

e foi forçada a ceder terreno, ao mesmo tempo em que Mazæus enviou um destacamento ao redor para atacar aqueles que guardavam as provisões, o que perturbou Parmênio a ponto de ele enviar mensageiros para informar Alexandre de que o acampamento e as provisões estariam perdidos, a menos que ele aliviasse imediatamente a retaguarda com um reforço considerável retirado da frente. Quando essa mensagem foi levada a Alexandre, no momento em que ele dava o sinal aos que o cercavam para o ataque, ele pediu que dissessem a Parmênio que este certamente havia perdido o uso da razão e se esquecido, em seu alarme, de que os soldados, se vitoriosos, tornam-se donos das provisões de seus inimigos e, se derrotados, em vez de cuidar de suas riquezas ou de seus escravos, não têm mais nada a fazer a não ser lutar com bravura e morrer com honra.

Depois de dizer isso, colocou o capacete e, antes de sair da tenda, vestiu as demais armas, que eram uma túnica de fabricação siciliana, cingida em torno de si, e, por cima, uma peça de linho grosseiramente acolchoada, que havia sido tomada entre outros despojos na batalha de Issus. O elmo, feito por Theophilus, embora de ferro, era tão bem trabalhado e polido que era reluzente como a prata mais refinada. A ele foi acoplado um gorgorão do mesmo metal, cravejado de pedras preciosas. Sua espada, que era a arma que ele mais usava nas lutas, foi presenteada pelo rei das cidades e era de uma leveza e têmpera admiráveis. O cinturão que ele também usava em todos os combates era muito mais rico do que o restante de sua armadura. Era uma obra do antigo Hélicon e havia sido presenteado pelos rodesianos, como sinal de respeito a ele.

Enquanto estava empenhado em reunir seus homens, ou cavalgando para dar ordens ou instruções, ou para observá-los, ele poupava Bucéfalo, que já estava ficando velho, e usava outro cavalo; mas quando estava realmente lutando, ele o buscava novamente e, assim que estava montado, iniciava o ataque.

Naquele dia, ele fez o discurso mais longo para os tessalianos e outros gregos, que lhe responderam com altos brados, desejando que ele os liderasse contra os bárbaros, ao que ele colocou sua lança na mão esquerda e, com a direita erguida em direção ao céu, implorou aos deuses, como nos conta Calístenes, que se ele fosse realmente o filho de Júpiter, eles teriam o prazer de ajudar e fortalecer os gregos. Ao mesmo tempo, o augúrio Aristandro, que vestia um manto branco e tinha uma coroa de ouro na cabeça, passou por eles e mostrou-lhes uma águia que voava logo acima de Alexandre e direcionou seu voo para o inimigo; isso animou tanto os espectadores que, após encorajamentos e exortações mútuas, os cavalos atacaram a toda velocidade e foram seguidos em massa por toda a falange dos soldados.

Mas, antes que pudessem enfrentar as primeiras fileiras, os bárbaros recuaram e foram perseguidos ferozmente por Alexandre, que empurrou os que fugiam diante dele para o meio da batalha, onde o próprio Darius estava em pessoa, a quem ele viu à distância sobre as primeiras fileiras, destacando-se em meio à sua guarda de vida, um homem alto e de boa aparência, puxado em uma carruagem alta, defendida por uma abundância dos melhores cavalos, que se mantinham em ordem ao redor dela, prontos para receber o inimigo. Mas a aproximação de Alexandre foi tão terrível, forçando os que recuaram a atacar os que ainda se mantinham firmes, que ele

derrotou e dispersou quase todos. Apenas alguns dos mais bravos e valentes se opuseram à perseguição, e foram mortos na presença do rei, caindo aos montes uns sobre os outros e, nas próprias dores da morte, esforçando-se para agarrar os cavalos.

Darius, agora, vendo que tudo estava perdido, que os que estavam na frente para defendê-lo estavam arruinados e recuavam diante dele, não conseguia virar ou desengatar sua carruagem sem grande dificuldade, pois as rodas estavam presas e emaranhadas entre os cadáveres, os quais estavam amontoados de tal forma que não só pararam, mas quase cobriram os cavalos, fazendo-os recuar e ficar tão indisciplinados que o cocheiro assustado não conseguia mais controlá-los, quase cobriam os cavalos e os faziam recuar e ficar tão indisciplinados que o cocheiro, assustado, não conseguia mais controlá-los, e, nessa situação extrema, teve o prazer de abandonar sua carruagem e suas armas e, montado em uma égua que havia sido tirada do seu potro, fugiu.

Batalha de Alexandre contra Darius, Pietro da Cortona (1644-1650).

Mas ele não teria escapado assim, se Parmênio não tivesse enviado novos mensageiros a Alexandre,

desejando que retornasse e o ajudasse contra um grupo considerável do inimigo que ainda permanecia unido e não cedia terreno. De fato, Parmênio é acusado por todos de ter sido preguiçoso e inútil nessa batalha, quer a idade tenha prejudicado sua coragem, quer, como diz Calístenes, ele secretamente não gostasse e invejasse a crescente grandeza de Alexandre. Alexandre, embora não tenha ficado nem um pouco irritado por ter sido chamado de volta e impedido de prosseguir com sua vitória, ainda assim ocultou o verdadeiro motivo de seus homens e, fazendo soar a retirada, como se fosse tarde demais para continuar a execução, marchou de volta para o local de perigo e, no caminho, recebeu a notícia da derrota e fuga total do inimigo.

Assim, essa batalha parecia ter colocado um ponto final no império persa, e Alexandre, que agora era proclamado rei da Ásia, agradeceu aos deuses com sacrifícios magníficos e recompensou seus amigos e seguidores com grandes somas de dinheiro, lugares e governos de províncias. Ansioso por conquistar a honra dos gregos, escreveu-lhes que queria abolir todas as tiranias, para que pudessem viver livres de acordo com suas próprias leis, e especialmente aos platenses, para que sua cidade fosse reconstruída, porque seus ancestrais haviam permitido que seus compatriotas de outrora fizessem de seu território a sede da guerra quando lutaram com os bárbaros por sua liberdade comum. Ele também enviou parte dos despojos para a Itália, para os crotoniatas, para honrar o zelo e a coragem de seu cidadão Phayllus, o lutador, que, na guerra Mediana, quando as outras colônias gregas na Itália renegaram a Grécia, para que ele pudesse ter uma participação no perigo, juntou-se à frota em Salamina, com um navio a seu próprio cargo. Alexandre era extremamente afeiçoado a todo tipo de

virtude e desejoso de preservar a memória de ações louváveis.

De lá, ele marchou pela província da Babilônia, que imediatamente se submeteu a ele, e em Echatana ficou muito surpreso ao ver o lugar onde o fogo sai em um fluxo contínuo, como uma fonte de água, de uma fenda na terra, e o fluxo de nafta, que, não muito longe desse local, flui tão abundantemente a ponto de formar uma espécie de lago. Essa nafta, que em outros aspectos se assemelha ao betume, é tão sujeita a pegar fogo que, antes de tocar a chama, ela se incendeia com a própria luz que a cerca e, muitas vezes, também inflama o ar intermediário. Os bárbaros, para mostrar o poder e a natureza dela, borrifaram pequenas gotas na rua que levava aos alojamentos do rei e, quando já era quase noite, ficaram na extremidade mais distante com tochas que, ao serem aplicadas nos locais umedecidos, a primeira imediatamente pegava fogo e, tão rápido quanto um homem poderia pensar, se propagava de uma extremidade à outra, de tal maneira que toda a rua era uma chama contínua.

Entrada de Alexandre na Babilônia, ou O Triunfo de Alexandre, Charles Le Brun (1664).

Entre os que costumavam servir o rei e encontrar ocasiões para diverti-lo quando ele se ungia e se lavava, havia um ateniense, Athenophanes, que lhe pediu para fazer um experimento com a nafta em Stephanus, o qual estava no local do banho, um jovem com um rosto ridiculamente feio, cujo talento era cantar bem: "Pois", disse o ateniense, "se ela se apoderar dele e não for apagada, será inegável que possui a força mais invencível". O jovem, como aconteceu, prontamente consentiu em se submeter à prova e, assim que foi regado e esfregado com ela, todo o seu corpo se incendiou e foi tomado pelo fogo de tal forma que Alexandre ficou muito perplexo e preocupado com ele, e não sem razão; pois nada poderia ter evitado que ele fosse consumido pelo fogo, se por acaso não houvesse pessoas por perto com muitas vasilhas de água para o banho, com as quais eles tiveram muito trabalho para

apagar o fogo; e seu corpo ficou tão queimado que ele não se curou por um bom tempo.

Assim, não é sem alguma plausibilidade que eles se esforçam para reconciliar a fábula com a verdade, dizendo que essa era a substância, nas tragédias, com a qual Medéia ungiu a coroa e o véu que deu à filha de Creonte. Pois nem as coisas em si, nem o fogo, podiam se inflamar por conta própria, mas sendo preparadas para isso pela nafta, elas imperceptivelmente atraíam e capturavam uma chama que por acaso fosse trazida para perto delas. Porque os raios e emanações do fogo à distância não têm nenhum outro efeito sobre alguns corpos além de luz e calor, mas em outros, onde encontram ar seco e também umidade rica o suficiente, eles se acumulam e logo se acendem e geram uma transformação. A maneira, no entanto, da produção de nafta admite uma diversidade de opiniões (...) ou se essa substância líquida que alimenta a chama não procede antes de um solo que é untuoso e produtivo de fogo, como é o da província da Babilônia, onde o solo é tão quente que muitas vezes os grãos de cevada saltam e são lançados para fora, como se a inflamação violenta tivesse feito a terra vibrar; e nos calores extremos os habitantes costumam dormir sobre peles encharcadas de água.

Harpalus, que ficou como governador desse país e desejava adornar os jardins e passeios do palácio com plantas gregas, conseguiu cultivar todas as plantas, exceto a hera, que a terra não suportava e matava constantemente. Por ser uma planta que adora um solo frio, o temperamento dessa terra quente e ardente era inadequado para ela. Todavia, o leitor impaciente estará mais disposto a perdoar digressões como essas se elas forem mantidas em um limite moderado.

Na tomada de Susa, Alexandre encontrou no palácio quarenta mil talentos em dinheiro já cunhado, além de uma quantidade indescritível de outros móveis e tesouros, entre os quais cinco mil talentos de púrpura hermioniana, que haviam sido guardados ali por cento e noventa anos, e ainda assim mantiveram sua cor tão fresca e viva quanto no início. A razão disso, dizem eles, é que, ao tingir a púrpura, eles usavam mel e óleo branco na tintura branca, ambos os quais, após o mesmo espaço de tempo, preservam a clareza e o brilho de seu lustre. Dinon também relata que os reis persas mandavam buscar água no Nilo e no Danúbio, que guardavam em seus tesouros como uma espécie de testemunho da grandeza de seu poder e império universal.

A entrada na Pérsia era feita por uma região muito difícil e era guardada pelos mais nobres persas, já que o próprio Darius havia escapado. Alexandre, entretanto, encontrou um guia que correspondia exatamente ao que a Pítia havia dito quando ele era criança, que um *lycus* deveria conduzi-lo à Pérsia. Com efeito, por meio de um deles, cujo pai era lício e sua mãe persa, e que falava as duas línguas, ele foi conduzido ao país por um caminho mais ou menos longo, mas sem atingir um nível considerável.

Aqui, muitos dos prisioneiros foram passados à espada, e ele mesmo relata que ordenou que fossem mortos, acreditando que isso seria uma vantagem a seu favor. O dinheiro encontrado aqui também não era menor, segundo ele, do que em Susa, além de outros bens móveis e tesouros, tanto quanto dez mil mulas e cinco mil camelos poderiam levar. Entre outras coisas, ele observou, por acaso, uma grande estátua de Xerxes jogada descuidadamente no chão durante a confusão

causada pela multidão de soldados que se comprimiam no palácio. Ele ficou parado e a abordou como se estivesse viva: "Devemos", disse ele, "negligentemente passar por você, agora que está prostrado no chão, porque uma vez invadiu a Grécia, ou devemos erguê-lo novamente em consideração à grandeza de sua mente e suas outras virtudes?" Mas, por fim, depois de fazer uma pausa e refletir silenciosamente consigo mesmo, ele prosseguiu sem dar mais atenção ao fato.

Nesse lugar, ele se instalou para passar o inverno e ficou quatro meses para refrescar seus soldados. Conta-se que, na primeira vez em que ele se sentou no trono real da Pérsia sob o dossel de ouro, Demaratus, o coríntio, que era muito ligado a ele e havia sido um dos amigos de seu pai, chorou, à maneira de um homem idoso, e lamentou o infortúnio dos gregos que a morte havia privado da satisfação de ver Alexandre sentado no trono de Darius.

Por ter planejado marchar contra Darius, antes de partir ele se divertiu com seus oficiais em uma festa com bebidas e outros passatempos, e se entregou ao ponto de deixar a amante de cada um sentar e beber com eles.

A mais célebre delas foi Thais, uma ateniense, amante de Ptolomeu, que mais tarde foi rei do Egito. Ela, que fazia uma espécie de elogio bem humorado a Alexandre, em parte por esporte, à medida que a bebida continuava, finalmente foi levada ao ponto de proferir uma frase que não era imprópria para o caráter de seu país natal, embora um tanto elevada demais para sua própria condição. Ela disse que era, de fato, uma recompensa pelas dificuldades que havia enfrentado ao seguir o acampamento por toda a Ásia, o fato de ter sido recebida naquele dia no imponente palácio dos monarcas persas e poder exultar com ele. Mas, acrescentou ela, seria muito

mais agradável se, enquanto o rei observava, ela pudesse, por esporte, com suas próprias mãos, incendiar a corte de Xerxes, que reduziu a cidade de Atenas a cinzas, para que ficasse registrado para a posteridade que as mulheres que seguiram Alexandre haviam se vingado dos persas pelos sofrimentos e afrontas da Grécia de forma mais severa do que todos os famosos comandantes haviam sido capazes de fazer por mar ou terra.

Thaïs de Atenas com uma tocha, Joshua Reynolds (1781).

O que ela disse foi recebido com tanta simpatia universal e murmúrios de aplausos, e tão secundado pelo

encorajamento e avidez da companhia, que o próprio rei, persuadido a fazer parte do grupo, levantou-se de seu assento e, com uma coroa de flores na cabeça e uma tocha acesa na mão, abriu caminho, enquanto eles o seguiam de maneira desordenada, dançando e gritando alto pelo local; quando os demais macedônios perceberam isso, também correram para lá com tochas, com grande alegria, pois esperavam que o incêndio e a destruição do palácio real fossem um argumento de que ele pretendia voltar para casa e não tinha a intenção de viver entre os bárbaros. Assim, alguns escritores relatam essa ação, enquanto outros dizem que ela foi feita deliberadamente; no entanto, todos concordam que ele logo se arrependeu e deu ordem para apagar o fogo.

Alexandre era naturalmente muito generoso, e se tornava mais generoso à medida que sua fortuna aumentava, acompanhando o que dava com aquela cortesia e liberdade que, para falar a verdade, é necessária para tornar um benefício realmente agradável. Darei alguns exemplos desse tipo.

Ariston, o capitão dos pæonianos, tendo matado um inimigo, trouxe a cabeça dele para mostrar-lhe e disse-lhe que em seu país tal presente era recompensado com uma taça de ouro. "Com uma vazia", disse Alexandre, sorrindo, "mas eu brindo a você com esta, que lhe dou cheia de vinho".

Em outra ocasião, quando um dos soldados comuns estava conduzindo uma mula carregada com alguns dos tesouros do rei, o animal se cansou, e o soldado assumiu a carga e começou a marchar com ela, até que Alexandre, vendo o homem com tanta carga, perguntou o que estava acontecendo; e quando ele foi informado, quando estava prestes a largar seu fardo por causa do cansaço, disse-lhe: "Não desfaleça agora", disse ele,

"mas termine a jornada e carregue o que você tem lá para sua própria tenda".

Ele sempre ficava mais descontente com aqueles que não aceitavam o que ele dava do que com aqueles que lhe pediam. Por isso, escreveu a Phocion, dizendo que não o consideraria mais seu amigo se ele recusasse seus presentes.

Ele nunca havia dado nada a Serapião, um dos jovens que jogavam bola com ele, porque ele não lhe pedia, até que um dia, quando chegou a vez de Serapião jogar, ele ainda jogava a bola para os outros e, quando o rei lhe perguntou por que não a direcionava a ele, disse: "Porque você não pede"; essa resposta o agradou tanto que depois foi muito liberal para com ele.

Um tal de Proteas, um sujeito agradável, brincalhão e beberrão, depois de desagradá-lo, fez com que seus amigos intercedessem por ele e implorou seu perdão com lágrimas, o que finalmente prevaleceu, e Alexandre declarou que era seu amigo. "Não posso acreditar nisso", disse Proteas, "a menos que você primeiro me dê alguma garantia disso". O rei entendeu o que ele queria dizer e logo ordenou que cinco talentos lhe fossem dados.

O quão magnífico ele era em enriquecer seus amigos e aqueles que o acompanhavam, aparece em uma carta que Olímpia escreveu a ele, onde dizia que ele deveria recompensar e honrar aqueles que o cercavam de uma forma mais moderada. "Pois agora", disse ela, "você os torna iguais aos reis, dá-lhes poder e oportunidade de fazer muitos amigos e, enquanto isso, você se deixa desamparado". Ela escrevia com frequência para ele com esse propósito, e ele nunca comunicava as cartas dela a ninguém, a menos que fosse uma que ele abrisse quando Hephæstion estava por perto, a quem ele permitia, como

era seu costume, que a lesse junto consigo; mas assim que o fazia, ele tirava o anel e colocava o selo nos lábios de Hephæstion.

Mazæus, que era o homem mais importante da corte de Darius, tinha um filho que já era governador de uma província. Alexandre apresentou-lhe outra que era melhor; ele, porém, recusou modestamente e disse-lhe que, em vez de um Darius, ele estava planejando fazer muitos Alexandres.

Ele deu a Parmênio a casa de Bagoas, na qual encontrou um guarda-roupa que valia mais de mil talentos.

Escreveu a Antípatro, ordenando-lhe que mantivesse um guarda vidas ao seu redor para a segurança de sua pessoa contra conspirações.

Ele enviava muitos presentes para sua mãe, mas nunca permitia que ela se metesse em assuntos de estado ou de guerra, evitando seu temperamento agitado, e quando ela se desentendeu com ele por esse motivo, ele suportou seu mau humor com muita paciência. Mais ainda, quando leu uma longa carta de Antípatro cheia de acusações contra ela, disse: "Antípatro não sabe que uma lágrima de mãe apaga mil cartas como essas".

Mas quando percebeu que seus favoritos se tornaram tão luxuosos e extravagantes em seu modo de vida e despesas que Hagnon, o teiano, usava pregos de prata em seus sapatos, que Leonnatus empregava vários camelos apenas para trazer pólvora do Egito para usar quando lutava, e que Filotas tinha redes de caça de cem estádios de comprimento, que usavam mais unguento precioso do que óleo comum quando iam tomar banho, e que levavam servos para todos os lugares com eles para esfregá-los e servi-los em seus aposentos, ele os repreendeu em termos gentis e razoáveis, dizendo-lhes

que se admirava de que eles, que haviam participado de tantas batalhas individuais, não soubessem por experiência que aqueles que labutam dormem mais doce e profundamente do que aqueles que dão trabalho, e que não conseguiam ver, comparando o modo de vida dos persas com o deles, que a condição mais abjeta e servil era a voluptuosidade, mas a mais nobre e real era a dor e o trabalho. Discutiu com eles, ainda, como era possível para qualquer um que pretendesse ser um soldado cuidar bem de seu cavalo ou manter sua armadura brilhante e em boa ordem, e que pensasse muito em deixar suas mãos serem úteis para o que estava mais próximo a ele, seu próprio corpo. "Você ainda não aprendeu", disse ele, "que o fim e a perfeição de nossas vitórias é evitar os vícios e as enfermidades daqueles que subjugamos?"

E para fortalecer seus preceitos pelo exemplo, ele se dedicava agora com mais vigor do que nunca à caça e às expedições bélicas, aproveitando todas as oportunidades de dificuldades e perigos, de tal modo que um lacedemônio, que estava lá em uma missão diplomática com ele, e que por acaso estava por perto quando ele encontrou e dominou um enorme leão, disse-lhe que ele havia lutado galhardamente com a fera, e que um dos dois deveria ser o rei. Craterus mandou fazer uma representação de sua aventura, que consistia no leão e nos cães, no rei enfrentando o leão e ele próprio vindo em seu auxílio, tudo expresso em figuras de bronze, algumas das quais feitas por Lysippus e o restante por Leochares; e mandou dedicá-la no templo de Apolo em Delfos. Alexandre expôs sua pessoa ao perigo dessa maneira, com o objetivo de se fortalecer e incitar outros a realizar ações corajosas e virtuosas.

Mas seus seguidores, que se tornaram ricos e, consequentemente, orgulhosos, desejavam se entregar ao prazer e à ociosidade, estavam cansados de marchas e expedições e, por fim, chegaram ao ponto de censurá-lo e falar mal dele. A princípio, ele suportou tudo isso com muita paciência, dizendo que era próprio de um rei fazer o bem aos outros e ser criticado.

Enquanto isso, nas menores ocasiões que exigiam uma demonstração de bondade para com seus amigos, havia todos os indícios de ternura e respeito de sua parte. Ao saber que Peucestes havia sido mordido por um urso, escreveu-lhe dizendo que considerava indelicado o fato de ele ter avisado os outros e não tê-lo informado; "Mas agora", disse, "já que é assim, deixe-me saber como você está e se algum de seus companheiros o abandonou quando você estava em perigo, para que possa puni-lo". Ele enviou a Hephæstion, que estava ausente para tratar de alguns assuntos, a notícia de que, enquanto lutavam para se divertir com um ichneumon, Craterus foi por acaso atingido em ambas as coxas pelo dardo de Perdiccas. E quando Peucestes se recuperou de um ataque de doença, ele enviou uma carta de agradecimento ao seu médico Alexippus. Quando Craterus estava doente, ele teve uma visão durante o sono, depois da qual ofereceu sacrifícios por sua saúde e ordenou que ele fizesse o mesmo. Escreveu também a Pausânias, o médico, que estava prestes a purificar Craterus com heléboro, em parte por preocupação com ele e em parte para adverti-lo sobre o uso desse medicamento.

Ele tinha tanta preocupação com a reputação de seus amigos a ponto de aprisionar Ephialtes e Cissus, que lhe trouxeram as primeiras notícias da fuga de Harpalus e de

sua retirada de seu serviço, como se o tivessem acusado falsamente.

Quando mandou os soldados idosos e enfermos para casa, Eurylochus, um cidadão de Ægæ, teve seu nome registrado entre os doentes, embora não estivesse doente, e ele, sendo descoberto, confessou que estava apaixonado por uma jovem chamada Telesippa e que queria ir com ela para o litoral. Alexandre perguntou a quem pertencia a mulher e, quando lhe disseram que ela era uma cortesã livre, disse a Eurylochus: "Eu o ajudarei em seu amor, se sua amante tiver que ser conquistada por meio de presentes ou persuasões; mas não devemos usar outros meios, porque ela é livre".

É surpreendente considerar as pequenas ocasiões em que ele escrevia cartas para servir aos amigos. Como quando escreveu uma em que dava ordem para procurar um jovem que pertencia a Seleucus, que havia fugido para a Cilícia; em outra, agradecia e elogiava Peucestes por ter prendido Nicon, um servo de Cratero; e em uma para Megabyzus, a respeito de um escravo que havia se refugiado em um templo, ordenava que ele não se intrometesse com esse escravo enquanto estivesse lá, mas se pudesse tirá-lo de lá por meios justos, então lhe dava permissão para prendê-lo. Conta-se que, quando julgava pela primeira vez causas capitais, colocava a mão em um dos ouvidos enquanto o acusador falava, para mantê-lo livre e sem preconceitos em favor da parte acusada. Porém, mais tarde, uma quantidade tão grande de acusações foi apresentada a ele, e tantas se provaram verdadeiras, que ele perdeu a ternura de seu coração e deu crédito àquelas que também eram falsas; e, especialmente quando alguém falava mal dele, ele era transportado para fora de sua razão e se mostrava cruel

e inexorável, valorizando sua glória e reputação acima de sua vida ou reino.

Agora, como dissemos, ele partiu em busca de Darius, esperando que fosse submetido ao perigo de outra batalha, mas soube que Darius fora capturado e mantido em segurança por Bessus. Com essa notícia, ele mandou os tessalianos de volta para casa e lhes deu uma ajuda de dois mil talentos além do salário que lhes era devido. Essa longa e penosa perseguição a Darius — pois em onze dias ele marchou trinta e três centenas de estádios — atormentou seus soldados de tal modo que a maioria deles estava pronta para desistir, principalmente por falta de água.

Enquanto se encontravam nesta aflição, aconteceu que alguns macedónios, que tinham ido buscar água em peles nas suas mulas num rio que tinham descoberto, chegaram por volta do meio-dia ao local onde Alexandre se encontrava e, vendo-o quase morto de sede, encheram um elmo e ofereceram-lho. Perguntou-lhes a quem levavam a água; disseram-lhe que aos seus filhos, acrescentando que, se a sua vida pudesse ser salva, não havia problema para eles, pois poderiam reparar a perda, embora todos pudessem perecer. Alexande tomou então o elmo nas mãos e, olhando em redor, quando viu todos os que estavam perto dele a esticar a cabeça e a olhar atentamente para a bebida, devolveu-a com agradecimento, sem provar uma gota. "Porque", disse ele, "se só eu beber, os outros ficarão desanimados". Os soldados não tardaram a notar a sua temperança e magnanimidade nesta ocasião, mas todos lhe gritaram para que os conduzisse corajosamente para a frente e começaram a chicotear os seus cavalos. Pois enquanto tivessem um rei assim, diziam, desafiariam o cansaço e a sede, e consideravam-se pouco menos que imortais.

Mas, embora todos estivessem igualmente motivados e dispostos, não mais de sessenta cavalos foram capazes, segundo se diz, de se manterem firmes e de se juntarem a Alexandre no acampamento do inimigo, onde cavalgaram sobre uma abundância de ouro e prata que se encontravam espalhados e, passando por muitos carros cheios de mulheres que vagueavam aqui e ali por falta de condutores, esforçaram-se por alcançar os primeiros que fugiram, na esperança de encontrar Darius entre eles.

Por fim, depois de muitas dificuldades, encontraram-no deitado num carro, ferido por todos os lados com dardos, à beira da morte. Todavia, desejou que lhe dessem de beber e, depois de ter bebido um pouco de água fria, disse a Polystratus, quem lha deu, ter chegado ao último extremo da sua má sorte, recebendo benefícios e não os podendo retribuir. "Mas Alexandre", disse ele, "cuja bondade para com a minha mãe, a minha mulher e as minhas filhas espero que os deuses recompensem, irá sem dúvida recompensar-te pela tua humanidade para comigo. Diz-lhe, pois, que, em sinal de reconhecimento, lhe dou esta mão direita", e com estas palavras pegou na mão de Polystratus e morreu. Quando Alexandre se aproximou deles, mostrou sinais manifestos de tristeza e, pegando na sua própria capa, lançou-a sobre o corpo para o cobrir. E algum tempo depois, quando Bessus foi preso, Alexandre ordenou que o fizessem em pedaços da seguinte maneira. Prenderam-no a duas árvores que estavam amarradas de modo a se unirem e, depois de soltas, com grande força voltaram aos seus lugares, cada uma delas levando consigo a parte do corpo à qual estava amarrada. O corpo de Darius foi colocado em estado de velório e enviado à sua mãe com pompa adequada à sua qualidade. Alexandre recebeu o seu irmão, Exathres, entre os seus amigos íntimos.

Alexandre diante do cadáver de Dario III, o último rei da Pérsia.

E agora, com a plenitude do seu exército, marchou para a Hircânia, onde viu uma grande baía de mar aberto, aparentemente não muito menor do que o Euxino, com água, no entanto, mais doce do que a de outros mares, mas não conseguiu saber nada de certo a seu respeito, exceto que, com toda a probabilidade, parecia-lhe ser um braço que saía do lago de Mæotis. No entanto, os naturalistas estavam mais bem informados sobre a verdade e tinham-no descrito muitos anos antes da expedição de Alexandre: que dos quatro golfos que, a partir do mar principal, entram no continente, este, conhecido indiferentemente como Mar Cáspio e Mar Hircónio, é o mais setentrional.

Aqui, os bárbaros, encontrando inesperadamente aqueles que conduziam Bucéfalo, fizeram-nos prisioneiros e levaram o cavalo com eles. Alexandre ficou tão irritado que enviou um arauto para os avisar que os passaria a todos à espada, homens, mulheres e crianças, sem piedade, se não o restituíssem. Mas, quando eles o fizeram e, ao mesmo tempo, entregaram as suas cidades

nas suas mãos, não só os tratou com bondade, como também pagou o resgate do seu cavalo àqueles que o levaram.

Daí marchou para a Parthia, onde, não tendo muito que fazer, começou por vestir o traje bárbaro, talvez com o objetivo de facilitar o trabalho de os civilizar, pois nada conquista mais os homens do que a conformidade com as suas modas e costumes. Ou pode ter sido como um primeiro teste, para ver se os macedónios poderiam ser levados a *adorá-lo* tal como os persas adoravam os seus reis, habituando-os pouco a pouco a suportar a alteração do seu governo e do seu estilo de vida noutras coisas.

No entanto, não seguiu a moda dos Medos, que era totalmente estranha e rude, e não adotou nem as calças, nem o colete com mangas, nem a tiara para a cabeça, mas, adotando um meio-termo entre o modo persa e o macedónio, criou o seu traje de tal modo que não era tão vistoso como o primeiro, mas mais pomposo e magnífico do que o segundo.

No início, usava este traje apenas quando conversava com os bárbaros, ou no interior do seu círculo, entre os seus amigos íntimos e companheiros, mas depois apareceu com ele no exterior, quando saía a cavalo e em audiências públicas, uma visão que os macedónios viram com pesar; mas respeitavam de tal modo as suas outras virtudes e boas qualidades que achavam razoável satisfazer as suas fantasias e a sua paixão pela glória, em busca da qual se arriscava tanto que, paralelamente às suas outras aventuras, tinha sido recentemente ferido na perna por uma flecha, a qual despedaçou de tal modo o osso da perna que lhe arrancou lascas. E noutra ocasião recebeu um violento golpe com uma pedra na nuca, que lhe toldou a visão durante um bom tempo. No entanto, tudo isto não o impediu de se expor livremente

a qualquer perigo, de tal modo que passou o rio Orexartes, que ele julgou ser o Tanais, e, pondo em fuga os citas, seguiu-os por mais de cem estádios, embora sofrendo sempre de diarréia.

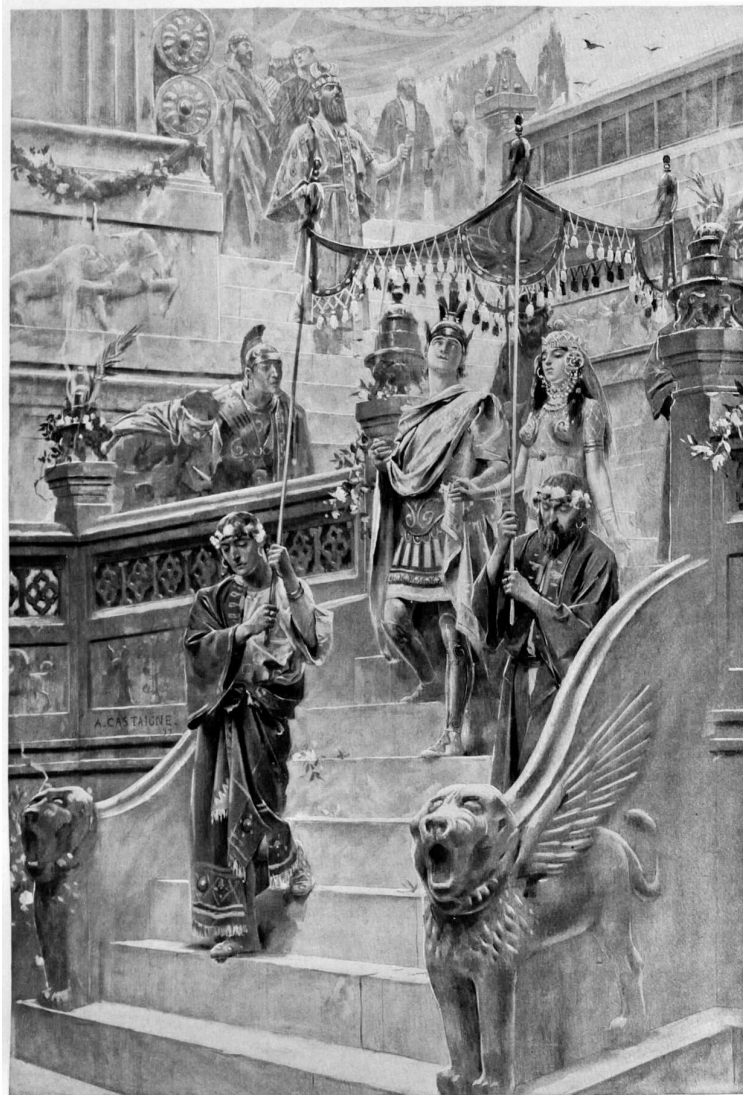
Aqui muitos afirmam que a Amazona veio visitá-lo. É o que nos dizem Clitarchus, Polyclitus, Onesicritus, Antigenes e Ister. Mas Aristobulus e Chares, que ocupavam o cargo de relator dos pedidos, Ptolomeu e Anticlides, Philon o Tebano, Filipe de Theangela, Hecatæus o Eretriano, Filipe o Calcidiano, e Duris o Samiano, dizem que isto é inteiramente uma ficção. E, na verdade, o próprio Alexandre parece confirmar esta última afirmação, pois numa carta em que relata a Antípatro tudo o que aconteceu, diz-lhe que o rei da Cítia lhe ofereceu a sua filha em casamento, mas não faz qualquer menção à Amazona. E muitos anos depois, quando Onesícrito leu esta história no seu quarto livro a Lysimachus, que então reinava, o rei riu-se calmamente e perguntou: "Onde poderia eu estar nessa altura?" Mas pouco importa se isso é verdade ou não no caso de Alexandre.

A rainha amazona, Thalestris, no acampamento de Alexandre, o Grande, Johann Georg Platzer.

O certo é que, receando que os macedónios se cansassem de prosseguir a guerra, deixou a maior parte deles nos seus quartéis; e tendo consigo na Hircânia apenas os seus homens escolhidos, num total de vinte mil soldados e três mil cavalos, falou-lhes neste sentido: que até então os bárbaros não os tinham visto senão como num sonho, e se pensassem em regressar depois de terem apenas alarmado a Ásia, e não a conquistado, os seus inimigos iriam atacá-los como se atacassem muitas mulheres. No entanto, disse-lhes que não manteria nenhum deles consigo contra a vontade deles, que poderiam ir se quisessem; ele apenas deveria apresentar o seu protesto, pois quando estava a caminho de tornar os macedónios os senhores do mundo, foi deixado sozinho com alguns amigos e voluntários. Isto é quase palavra por palavra, tal como escreveu numa carta a Antípatro, onde acrescentou que, depois de lhes ter falado assim, todos gritaram que iriam com ele para onde quer que fosse do seu agrado conduzi-los. Depois

de ter conseguido com estes, não lhe foi difícil conquistar a multidão, que facilmente seguiu o exemplo dos seus superiores.

Agora, também, cada vez mais se adaptava no seu modo de vida ao dos nativos e tentava aproximá-los o mais possível dos costumes macedónios, considerando sabiamente que, enquanto estava empenhado numa expedição que o levaria para longe dali, seria mais sensato depender da boa vontade que poderia surgir da mistura e da associação como meio de manter a tranquilidade, do que da força e da compulsão. Para isso, escolheu trinta mil rapazes, os quais colocou sob a alçada de mestres que lhes ensinavam a língua grega e os treinavam para as armas na disciplina macedónia.

Quanto ao seu casamento com Roxana, cuja juventude e beleza o tinham encantado numa festa regada a bebidas, onde ele a viu pela primeira vez a participar numa dança, foi, de fato, um caso de amor, embora parecesse ao mesmo tempo propício ao objetivo que ele tinha em vista. Com efeito, era gratificante para o povo conquistado vê-lo escolher uma esposa dentre eles, e isso fazia com que sentissem a mais viva afeição por Alexandre, ao constatarem que mesmo na única paixão pela qual ele, o mais temperado dos homens, estava dominado, ainda assim ele se abstinha até que pudesse obtê-la de uma forma legal e honrosa.

DRAWN BY A. CASTAIGNE.

THE WEDDING OF ALEXANDER AND ROXANE.

Cerimônia do casamento de Alexandre, o Grande, e Roxana, André Castaigne.

Notando também que, entre os seus principais amigos e favoritos, Hephæstion era o que mais aprovava tudo o que ele fazia, e o seguia e imitava na sua mudança de hábitos, enquanto Craterus continuava a ser rigoroso na observação dos costumes e modas do seu próprio país, tomou como prática empregar o primeiro em todas as transacções com os persas, e o segundo quando tinha de se relacionar com os gregos ou macedónios. E, em geral, mostrava mais afeição por Hephæstion e mais respeito

por Craterus; Hephæstion, como costumava dizer, era amigo de Alexandre, e Craterus, amigo do rei.

Assim, estes dois amigos sempre guardaram rancor um ao outro em segredo e, por vezes, discutiam abertamente, de tal modo que, uma vez, na Índia, se atraíram um ao outro e estavam a avançar a bom ritmo, com os seus amigos de cada lado a apoiá-los, quando Alexandre subiu a cavalo e repreendeu publicamente Hephæstion, chamando-lhe tolo e louco, por não perceber que, sem o seu favor, não era nada. Repreendeu também Craterus, em privado, severamente, e depois, levando-os a ambos à sua presença, reconciliou-os, jurando ao mesmo tempo por Ammon e pelos deuses restantes que os amava acima de todos os outros homens, mas que, se alguma vez os visse a desentenderem-se de novo, não deixaria de os matar a ambos, ou pelo menos ao agressor. Depois disso, nunca mais fizeram ou disseram nada, nem mesmo em tom de brincadeira, para se ofenderem mutuamente.

Não havia entre os macedónios ninguém com maior reputação do que Philotas, filho de Parménio. Para além de ser valente e capaz de suportar qualquer fadiga de guerra, era também, a seguir ao próprio Alexandre, o mais generoso e o maior amante dos seus amigos, um dos quais, pedindo-lhe algum dinheiro, ordenou ao seu mordomo que lho desse; e quando este lhe disse que não dispunha, "Não tens então nenhum prato", disse ele, "ou alguma roupa minha para vender?" Mas levou a sua arrogância e o seu orgulho de riqueza e os seus hábitos de ostentação e luxo a um grau de presunção impróprio para um homem comum; e, afetando toda a altivez sem conseguir mostrar qualquer graça ou gentileza duma verdadeira grandeza, conquistou, com esta majestade errónea e espúria, tanta inveja e má vontade, que

Parménio lhe dizia por vezes: "Meu filho, seria melhor não ser tão grande."

De fato, ele já havia sido acusado e denunciado a Alexandre há muito tempo. Particularmente, quando Darius foi derrotado na Cilícia e um imenso saque foi feito em Damasco, entre os outros prisioneiros que foram trazidos para o acampamento, havia uma Antígona de Pydna, uma mulher muito bonita, que ficou com o quinhão de Philotas. Um dia, enquanto estava bebendo, o jovem, com seu jeito de soldado, arrogante e franco, declarou à sua senhora que todas as grandes ações foram realizadas por ele e seu pai, cuja glória e benefício, segundo ele, juntamente com o título de rei, o menino Alexandre colheu e desfrutou graças a eles.

Ela não se conteve, mas revelou o que ele havia dito a um de seus conhecidos, e este, como é comum em tais casos, a outro, até que finalmente a história chegou aos ouvidos de Craterus, que levou a mulher secretamente ao rei. Depois de ouvir o que ela tinha a dizer, Alexandre ordenou que ela continuasse a trama com Philotas e lhe contasse, de tempos em tempos, tudo o que ocorresse em relação a esse propósito. Ele, assim, involuntariamente apanhado em uma armadilha, para satisfazer ora um acesso de raiva, ora um amor à vanglória, deixou-se proferir numerosos discursos tolos e indiscretos contra o rei na presença de Antígona, dos quais, embora Alexandre estivesse informado e convencido por fortes evidências, ainda assim não faria nenhuma consideração no momento, seja porque confiava na afeição e lealdade de Parmênio, seja porque valorizava a autoridade e o interesse deles no exército.

Nessa época, porém, um tal Limnus, macedônio de Calastra, conspirou contra a vida de Alexandre e comunicou seu plano a um jovem de quem gostava,

chamado Nicômaco, convidando-o a fazer parte do grupo. Mas Nicômaco, não gostando do assunto, revelou-o a seu irmão Balinus, que imediatamente se dirigiu a Philotas, pedindo-lhe que apresentasse os dois a Alexandre, a quem tinham algo de grande importância a contar, que pouco o afetava. Mas este, por um motivo incerto, não foi com eles, alegando que o rei estava ocupado com assuntos de maior importância.

E depois de insistirem com ele uma segunda vez, e ainda assim não terem sido atendidos, recorreram a outro, por meio do qual foram admitidos na presença de Alexandre, primeiro contaram sobre a conspiração de Limnus e, por meio disso, deixaram transparecer a negligência de Philotas, que havia desconsiderado duas vezes o pedido que lhe fizeram. Alexandre ficou muito irritado e, ao descobrir que Limnus havia se defendido e sido morto pelo soldado que fora enviado para capturá-lo, ficou ainda mais desconsolado, achando que assim havia perdido os meios de detectar a conspiração.

Assim que seu descontentamento contra Philotas começou a transparecer, imediatamente todos os seus antigos inimigos se manifestaram e disseram abertamente que o rei estava sendo facilmente enganado, ao imaginar que alguém tão insignificante como Limnus, um calastriano, pudesse empreender tal projeto por sua própria cabeça; que, com toda a probabilidade, ele era apenas subserviente ao plano, um instrumento movido por alguma força maior; que deveriam ser examinados com mais rigor aqueles cujo interesse era esconder o assunto. Depois de terem conquistado o ouvido do rei com insinuações desse tipo, continuaram a mostrar mil motivos de suspeita contra Philotas, até que, por fim, conseguiram que ele fosse preso e submetido à tortura, o que foi feito na presença

dos principais oficiais, sendo que o próprio Alexandre foi colocado atrás de uma tapeçaria para entender o que acontecia. Quando ouviu o tom deplorável e a submissão abjeta com que Philotas se dirigiu a Hephæstion, ele irrompeu, segundo se diz, da seguinte maneira "Você é tão egoísta e efeminado, Philotas, e ainda assim pode se envolver em um projeto tão desesperado?"

Depois de sua morte, Alexandre logo partiu para a Media e também matou Parmênio, o pai de Philotas, que havia prestado um serviço corajoso sob o comando de Filipe e era o único de seus amigos e conselheiros mais velhos que havia incentivado Alexandre a invadir a Ásia. Dos três filhos que tivera no exército, ele já havia perdido dois, e agora estava sendo morto juntamente com o terceiro.

Philotas e outros conspiradores condenados e apedrejados até a morte (1696).

Essas ações fizeram de Alexandre um objeto de terror para muitos de seus amigos, principalmente para Antípatro, que, para se fortalecer, enviou mensageiros em particular para tratar de uma aliança com os Ætolianos, que temiam Alexandre, por terem destruído a

cidade dos Œniadæ; ao ser informado disso, Alexandre disse que os filhos dos Œniadæ não precisavam se vingar da briga de seu pai, pois ele mesmo se encarregaria de punir os Ætolianos.

Não muito tempo depois disso, aconteceu o deplorável fim de Clitus, que, para aqueles que mal ouviram falar do assunto, pode parecer mais desumano do que o de Philotas; mas se considerarmos a história com suas circunstâncias de tempo e pesarmos a causa, descobriremos que ocorreu mais por uma espécie de infortúnio do rei, cuja raiva e excesso de bebida deram ocasião ao gênio maligno de Clitus.

O rei recebeu um presente de frutas gregas trazidas da costa do mar, que eram tão frescas e bonitas que ele ficou surpreso e chamou Clitus para que as visse e lhe desse uma parte delas. Clitus estava então sacrificando, mas logo se afastou e veio, seguido por três ovelhas, sobre as quais já havia sido derramada a bebida antes do sacrifício. Alexandre, informado disso, contou aos seus adivinhos, Aristandro e Cleomântis, o lacedemônio, e perguntou-lhes o que isso significava; ao que eles lhe asseguraram que era um mau presságio, ele ordenou que se apressassem a oferecer sacrifícios para a segurança de Clitus, pois três dias antes ele mesmo tivera uma estranha visão durante o sono, de Clitus vestido de luto, sentado ao lado dos filhos de Parmênio que estavam mortos.

Clitus, no entanto, não ficou para terminar suas devoções, mas foi direto para a ceia com o rei, que havia sacrificado a Castor e Pólux. E depois de terem bebido bastante, alguns da companhia começaram a cantar os versos de um tal Pranichus, ou, como outros dizem, de Pierion, que foram feitos sobre os capitães que haviam

sido recentemente derrotados pelos bárbaros, com o propósito de desonrá-los e ridicularizá-los.

Isso ofendeu os homens mais velhos que estavam lá e eles repreenderam tanto o autor quanto o cantor dos versos, embora Alexandre e os homens mais jovens ao seu redor se divertissem muito ao ouvi-los e os encorajassem a continuar, até que finalmente Clitus, que havia bebido demais e que, além disso, era de temperamento agressivo e voluntarioso, ficou tão perturbado que não conseguiu se conter mais, dizendo que não era bom expor os macedônios diante dos bárbaros e de seus inimigos, pois, embora fosse uma infelicidade para eles serem vencidos, eram homens muito melhores do que aqueles que riam deles.

E quando Alexandre observou que Clitus estava defendendo sua própria causa, dando à covardia o nome de infortúnio, Clitus se levantou: "Essa covardia, como você gosta de chamá-la", disse-lhe ele, "salvou a vida de um filho dos deuses, quando fugia da espada de Spithridates; foi às custas do sangue macedônio e por causa desses ferimentos que você agora foi elevado a tal altura a ponto de poder renegar seu pai Filipe e chamar-se filho de Ammon". "Seu sujeito vil", disse Alexandre, que agora estava completamente exasperado, "você acha que pode dizer essas coisas a meu respeito em qualquer lugar, incitar os macedônios à sedição e não ser punido por isso?". "Já estamos suficientemente punidos", respondeu Clitus, "se essa for a recompensa de nossos esforços, e devemos considerar felizes os que não viveram para ver seus compatriotas serem açoitados com varas dos medos e forçados a recorrer aos persas para ter acesso ao seu rei".

Enquanto ele falava ao acaso e os que estavam perto de Alexandre se levantavam de seus assentos e começavam

a insultá-lo, os homens mais velhos faziam o que podiam para controlar a desordem.

Nesse ínterim, Alexandre, voltando-se para Xenodochus, o pardiano, e Artemius, o colofoniano, perguntou-lhes se não eram da opinião de que os gregos, em comparação com os macedônios, comportavam-se à semelhança de semideuses entre animais selvagens.

Mas Clitus, apesar de tudo isso, não cedeu, desejando que Alexandre se manifestasse se tivesse algo mais a dizer, ou então explicasse por que convidava homens livres e acostumados a falar o que pensavam abertamente, sem restrições, para cear com ele. Era melhor que ele vivesse e conversasse com bárbaros e escravos que não hesitariam em se ajoelhar diante de seu cinturão persa e sua túnica branca.

Essas palavras provocaram Alexandre de tal maneira que, não conseguindo mais reprimir sua ira, atirou-lhe uma das maçãs que estavam sobre a mesa, atingindo-o, e depois procurou sua espada. Porém, Aristófanes, um de seus guarda-vidas, havia escondido a espada fora do caminho, e outros se aproximaram dele e lhe rogaram, mas em vão; pois, afastando-se deles, Alexandre gritou em voz alta para seus guardas na língua macedônia, o que era um sinal claro de que havia algum grande distúrbio em seu íntimo, e ordenou que um trompetista tocasse, dando-lhe um golpe com o punho cerrado por não obedecer imediatamente; embora mais tarde o mesmo homem tenha sido elogiado por desobedecer a uma ordem que teria colocado todo o exército em tumulto e confusão.

Clitus, ainda se recusando a ceder, foi forçado por seus amigos a sair da sala com muita dificuldade. Mas ele voltou a entrar imediatamente por outra porta, cantando

de forma muito irreverente e confiante os versos de *Andrômaca*, de Eurípides.

Na Grécia, infelizmente, como as coisas estão mal ordenadas!

Por fim, Alexandre, arrancando uma lança de um dos soldados, encontrou Clitus quando este se aproximava e estava passando pela cortina que pendia diante da porta, e o atravessou no corpo. Ele caiu imediatamente com um grito e um gemido.

A contenda entre Alexandre e Clito, Weston, W H; Rainey, W (1900)

Quando a raiva do rei se dissipou imediatamente, ele voltou a si e, ao ver seus amigos ao redor em profundo

silêncio, arrancou a lança do cadáver e a teria enfiado na própria garganta, se os guardas não tivessem segurado suas mãos e, com força maior, o levado para seu quarto, onde, durante toda aquela noite e no dia seguinte, chorou amargamente, até que, esgotado pelas lamentações e exclamações, ficou deitado, como se estivesse mudo, apenas soltando profundos suspiros. Seus amigos, temendo algum mal por causa de seu silêncio, entraram no quarto, mas ele não prestou atenção ao que diziam, até que Aristandro, lembrando-o da visão que tivera de Clitus e do prodígio que se seguiu, como se tudo tivesse acontecido por uma fatalidade inevitável, pareceu moderar sua dor.

Eles então trouxeram Callisthenes, o filósofo que era amigo íntimo de Aristóteles, e Anaxarchus de Abdera. Calístenes usou uma linguagem moral e meios suaves e calmantes, na esperança de encontrar acesso às palavras da razão e controlar a paixão. Porém, Anaxarchus, que sempre seguiu seu próprio curso de filosofia e tinha a fama de desprezar e menosprezar seus contemporâneos, assim que entrou, gritou em voz alta: "É este o Alexandre que o mundo inteiro admira, deitado aqui chorando como um escravo, por medo da censura e da reprovação dos homens, para quem ele mesmo deveria ser uma lei e uma medida de equidade, se usasse o direito que suas conquistas lhe deram como senhor supremo e governador de tudo, e não fosse vítima de uma opinião vã e ociosa? Você não sabe", disse ele, "que Júpiter é representado como tendo Justiça e Lei em cada mão dele, para significar que todas as ações de um conquistador são legais e justas?". Com esses discursos e outros semelhantes, Anaxarchus, de fato, aliviou a tristeza do rei, mas, ao mesmo tempo, corrompeu seu caráter, tornando-o mais audacioso e sem lei do que havia sido. Por esses meios, ele também não

deixou de se insinuar em seu próprio favor e de tornar a companhia de Callisthenes, que em todos os momentos, por causa de sua austeridade, não era muito agradável, mais incômoda e desagradável para ele.

Anaxarchus de Abdera, Girolamo Olgiati (1580)

Aconteceu que esses dois filósofos se encontraram em um evento onde a conversa girou em torno do clima e da temperatura do ar. Callisthenes concordou com a opinião deles, que afirmavam que aqueles países eram mais frios e que o inverno era mais rigoroso do que na Grécia. Anaxarchus não admitiu isso de modo algum, mas argumentou contra isso com certa veemência. "Com

certeza", disse Callisthenes, "você não pode deixar de admitir que este país é mais frio do que a Grécia, pois lá você costumava ter apenas um manto fino para impedir o inverno mais frio, e aqui você tem três bons mantos quentes um sobre o outro".

Essa atitude zombeteira irritou Anaxarchus e os outros pretendentes a eruditos, e a multidão de bajuladores em geral não suportava ver Callisthenes tão admirado e seguido pelos jovens, e não menos estimado pelos homens mais velhos por sua vida ordeira e sua seriedade, e por estar satisfeito com sua condição; e por confirmar o que ele havia professado sobre o objetivo de sua viagem a Alexandre, que era apenas fazer com que seus compatriotas fossem retirados do banimento e reconstruir e repovoar sua cidade natal.

Além da inveja que sua grande reputação despertava, ele também, por meio de seu próprio comportamento, dava àqueles que o desejavam mal a oportunidade de lhe causar danos. Pois, quando era convidado para as diversões públicas, na maioria das vezes se recusava a comparecer ou, se estava presente em alguma delas, restringia a companhia com sua austeridade e silêncio, que pareciam indicar sua desaprovação em relação ao que via. De modo que o próprio Alexandre disse, ao se dirigir a ele: —

Essa vã pretensão de sabedoria eu detesto,
Em que o homem é cego para seus próprios interesses.

Convidado, com muitos outros, a cear com o rei, foi chamado, quando a taça chegou a ele, para fazer um discurso extemporâneo em louvor aos macedônios; e ele o fez com tal eloquência que todos os que o ouviram se levantaram de seus assentos para aplaudi-lo e lançaram

suas guirlandas sobre ele; mas Alexandre lhe disse, com base em Eurípides: —

Não me admira que você tenha falado tão bem,
É fácil se destacar em assuntos interessantes.

"Portanto", disse ele, "se você quiser mostrar a força de sua eloquência, diga aos meus macedônios suas falhas e os desacredite, para que, ouvindo seus erros, eles possam aprender a ser melhores no futuro". Callisthenes logo lhe obedeceu, retratando-se de tudo o que havia dito antes e, injuriando os macedônios com grande liberdade, acrescentou que Filipe prosperou e se tornou poderoso, principalmente pela discórdia dos gregos, aplicando este verso a ele: —

Em conflitos civis, os vilões adquirem notoriedade;

o que ofendeu tanto os macedônios que ele se tornou odioso para todos eles desde então.

E Alexandre disse que, em vez de sua eloquência, ele só havia deixado transparecer sua má vontade no que havia dito. Hermippus nos assegura que Strœbus, um servo que Callisthenes mantinha a fim de que lesse para ele, contou posteriormente a Aristóteles o relato dessas passagens; e que, quando percebeu que o rei se tornava cada vez mais avesso a sua pessoa, duas ou três vezes, quando estava indo embora, repetiu os versos, —

A morte por fim se abateu também sobre o grande Pátroclo,
Embora ele fosse muito mais virtuoso que tu.

Não foi sem razão, portanto, que Aristóteles deu essa característica a Callisthenes, segundo a qual ele era, de fato, um orador poderoso, mas não tinha discernimento. Não há dúvida de que ele agiu como um verdadeiro filósofo ao se recusar positivamente, como fez, a prestar

adoração; e ao falar abertamente contra aquilo que os melhores e mais sérios macedônios apenas repugnavam em segredo, ele livrou os gregos e o próprio Alexandre de uma grande desgraça, quando essa prática foi abandonada. Porém, ele se arruinou com isso, porque foi muito duro no trabalho, como se quisesse forçar o rei a fazer aquilo que ele deveria ter conseguido por meio da razão e da persuasão.

Chares, de Mitylene, escreve que, em um banquete, Alexandre, depois de beber, estendeu a taça a um de seus amigos, o qual, ao recebê-la, levantou-se em direção ao altar doméstico e, depois de beber, primeiro adorou e depois beijou Alexandre, e em seguida sentou-se à mesa com os demais. Todos fizeram o mesmo, um após o outro, até que chegou a vez de Callisthenes, que pegou a taça e bebeu, enquanto o rei, que estava conversando com Hephaestion, não estava observando, e então veio e se ofereceu para beijá-lo. Mas Demetrius, de sobrenome Phidon, interpôs-se, dizendo: "Senhor, de forma alguma deixe-o beijá-lo, pois só ele de todos nós se recusou a adorá-lo"; diante disso, o rei recusou, e toda a preocupação que Callisthenes demonstrou foi o fato de ter dito em voz alta: "Então eu vou embora com um beijo a menos do que os outros". O descontentamento que ele causou com essa ação deu crédito à declaração de Hephæstion de que ele havia quebrado sua palavra ao não prestar ao rei a mesma veneração que os outros prestavam, conforme havia prometido fielmente.

E, para completar sua desgraça, alguns homens, como Lysimachus, e Hagnon, agora se apresentavam com suas declarações de que o sofista andava por toda parte se vangloriando de sua resistência ao poder arbitrário, e todos os jovens corriam atrás dele e o honravam como o

único homem entre tantos milhares que teve a coragem de preservar sua liberdade.

Portanto, quando a conspiração de Hermolaus foi descoberta, as acusações que seus inimigos fizeram contra ele foram mais facilmente acreditadas, especialmente a de que, quando o jovem lhe perguntou o que deveria fazer para ser a pessoa mais ilustre da Terra, ele lhe disse que a maneira mais fácil era matar aquele que já o era e que, para incitá-lo a cometer o ato, ele lhe pediu que não se impressionasse com o sofá de ouro, mas que se lembrasse de que Alexandre era um homem tão enfermo e vulnerável quanto qualquer outro. No entanto, nenhum dos cúmplices de Hermolaus, na maior das extremidades, fez qualquer menção ao fato de Callisthenes estar envolvido no projeto. Não, o próprio Alexandre, nas cartas que escreveu logo depois a Craterus, Attalus e Alcetas, diz a eles que os jovens que foram submetidos à tortura declararam que haviam entrado na conspiração por si mesmos, sem que nenhum outro tivesse conhecimento ou fosse culpado dela.

Mas ainda mais tarde, em uma carta a Antípatro, ele acusa Callisthenes. "Os jovens", diz ele, "foram apedrejados até a morte pelos macedônios, mas para o sofista" (ou seja, Callisthenes), "terei o cuidado de puni-lo também juntamente com aqueles que o enviaram a mim e que abrigam em suas cidades aqueles que conspiram contra a minha vida", uma declaração inequívoca contra Aristóteles, em cuja casa Callisthenes, por causa de seu relacionamento, sendo filho de sua sobrinha Hero, havia sido educado.

Sua morte é relatada de várias maneiras. Alguns dizem que ele foi enforcado por ordem de Alexandre; outros, que ele morreu de doença na prisão; mas Chares escreve que ele foi mantido acorrentado sete meses depois de ter

sido detido, com o propósito de ser processado em pleno conselho, quando Aristóteles deveria estar presente; e que, ficando extremamente inchado e contraindo uma doença causada por vermes, ele morreu ali, na época em que Alexandre foi ferido na Índia, no país dos Malli Oxydracæ, sendo que tudo isso aconteceu pouco tempo depois.

Para continuar na ordem, Demaratus de Corinto, já bastante idoso, fez um grande esforço, nessa época, para visitar Alexandre; e quando o viu, disse que tinha pena do infortúnio daqueles gregos, que eram tão infelizes a ponto de morrerem antes de verem Alexandre sentado no trono de Darius. Mas ele não desfrutou por muito tempo do benefício da bondade do rei para com ele, a não ser pelo fato de que, logo após adoecer e morrer, teve um funeral magnífico, e o exército ergueu para ele um monumento de terra com oitenta côvados de altura e uma vasta circunferência. Suas cinzas foram transportadas em uma carruagem muito rica, puxada por quatro cavalos, até a beira-mar.

Alexandre, agora empenhado em sua expedição à Índia, notou que seus soldados estavam tão carregados de saques que isso dificultava sua marcha. Portanto, ao amanhecer, assim que as carroças de bagagem foram carregadas, ele primeiro ateou fogo às suas e às de seus amigos e, em seguida, ordenou que fossem queimadas as que pertenciam ao restante do exército: um ato que, na deliberação, pareceu mais perigoso e difícil do que na execução, com a qual poucos ficaram insatisfeitos; pois a maioria dos soldados, como se tivessem sido inspirados, proferindo altos brados e gritos de guerra, supriram-se uns aos outros com o que era absolutamente necessário e queimaram e destruíram tudo o que era supérfluo, o

que redobrou o zelo e a ânsia de Alexandre por seu projeto.

E, de fato, ele agora estava se tornando muito severo e inexorável ao punir aqueles que cometiam qualquer falha. Com efeito, ele matou Menandro, um de seus amigos, por abandonar uma fortaleza onde o havia colocado como guarnição, e matou Orsodates, um dos bárbaros que se revoltaram contra ele, com suas próprias mãos.

Naquela ocasião, uma ovelha pariu um cordeiro, com a forma e a cor perfeitas de uma tiara na cabeça e com testículos de cada lado; esse presságio foi visto por Alexandre com tanta aversão que ele imediatamente fez com que seus sacerdotes babilônios, que ele geralmente levava consigo para tais propósitos, o purificassem, e disse a seus amigos que ele não estava tão preocupado com o seu próprio bem quanto com o deles, por temer que, após sua morte, o poder divino pudesse permitir que seu império caísse nas mãos de alguma pessoa degenerada e impotente.

Mas esse temor foi logo afastado por um fato maravilhoso que aconteceu pouco tempo depois, e que se acreditava ser um bom presságio. Pois Proxenus, um macedônio, que era o chefe daqueles que cuidavam da mobília do rei, quando estava trabalhando no terreno perto do rio Oxus para erguer o pavilhão real, descobriu uma fonte de um líquido oleoso e denso, que, depois que o topo foi retirado, escorria um óleo puro e claro, sem qualquer alteração de sabor ou cheiro, com exatamente a mesma suavidade e brilho, e isso também em um país onde não havia oliveiras. De fato, diz-se que a água do rio Oxus é a mais suave ao tato de todas as águas e que deixa um brilho na pele daqueles que se banham nela. Seja qual for a causa, é certo que Alexandre ficou muito

satisfeito com isso, como mostram suas cartas a Antípatro, onde ele fala desse fato como um dos mais notáveis presságios com que Deus já o havia favorecido. Os adivinhos lhe disseram que isso significava que sua expedição seria gloriosa, mas muito dolorosa e com muitas dificuldades, pois o óleo, segundo eles, foi concedido à humanidade por Deus como um refresco para seus trabalhos.

E não julgaram mal, pois ele se expôs a muitos perigos nas batalhas que travou e recebeu ferimentos muito graves, mas a maior perda em seu exército foi ocasionada pela falta de saúde do ar e pela falta das provisões necessárias. Ainda assim, ele se esforçou para superar a sorte e tudo o que se opunha a ele, com determinação e virtude, e não achava nada impossível para a verdadeira intrepidez e, por outro lado, não considerava a covardia como algo seguro ou forte.

Conta-se que, ao sitiar Sisimithres, que mantinha uma fortaleza inacessível e inexpugnável contra ele, e seus soldados começaram a se desesperar para tomá-la, ele perguntou a Oxyartes se Sisimithres era um homem corajoso, o qual lhe assegurou que ele era o maior covarde que existia: "Então você me diz", disse ele, "que o lugar pode ser facilmente tomado, já que quem o comanda é fraco". E em pouco tempo Alexandre aterrorizou tanto a Sisimithres que a tomou sem nenhuma dificuldade.

Em um ataque que fez a outro lugar íngreme juntamente com alguns de seus soldados macedônios, ele se dirigiu a um deles, cujo nome era Alexandre, e disse-lhe que, de qualquer modo, ele deveria lutar bravamente, mesmo que fosse por causa de seu nome. O jovem lutou com bravura e foi morto durante o combate, no qual ficou gravemente ferido.

Em outra ocasião, vendo seus homens marcharem lenta e relutantemente para o cerco do lugar chamado Nysa, por causa de um rio profundo entre eles e a cidade, adiantou-se a eles e, de pé na margem, disse: "Que homem miserável sou eu, que não aprendi a nadar", e então foi dificilmente dissuadido de tentar atravessá-lo usando seu escudo. Aqui, depois que o ataque acabou, os embaixadores de várias cidades que ele havia conquistado vieram para se submeter a ele e negociar a paz, e ficaram surpresos ao encontrá-lo ainda em sua armadura, sem ninguém que o servisse ou atendesse, e quando finalmente alguém lhe trouxe uma almofada, ele fez com que o mais velho deles, chamado Acuphis, a pegasse e se sentasse nela. O ancião, maravilhado com sua magnanimidade e cortesia, perguntou-lhe o que seus compatriotas deveriam fazer para merecer sua amizade. "Eu gostaria que eles", disse Alexandre, "escolhessem você para governá-los e enviassem cem dos homens mais dignos dentre eles para permanecerem como mensageiros". Acuphis riu e respondeu: "Eu os governarei com mais facilidade, senhor, se lhe enviar muitos dos piores, em vez dos melhores de meus súditos".

Acreditava-se que a extensão dos domínios do rei Taxiles na Índia era tão grande quanto a do Egito, abundante em bons pastos e produzindo belos frutos. O próprio rei tinha a reputação de um homem sábio e, em sua primeira entrevista com Alexandre, falou com ele nestes termos: "Com que propósito", disse ele, "deveríamos guerrear uns contra os outros, se o objetivo de sua vinda a esta região não fosse roubar nossa água ou nosso alimento necessário, que são as únicas coisas pelas quais os homens sábios são indispensavelmente obrigados a lutar? Quanto a outras riquezas e posses, como são consideradas aos olhos do mundo, se eu estiver mais

bem provido do que você, estou pronto para deixá-lo compartilhar comigo; mas se a sorte foi mais liberal com você do que comigo, não tenho nenhuma objeção a lhe prestar obrigações". Esse discurso agradou tanto a Alexandre que, abraçando-o, disse-lhe: "Você acha", disse ele, "que suas palavras gentis e seu comportamento cortês o livrarão dessa conversa sem que haja uma disputa? Não, você não escapará. Eu disputarei e batalharei com você de tal forma que, por mais gentil que seja, você não conseguirá me vencer". Então, ao receber alguns presentes dele, devolveu-lhe outros de maior valor e, para completar sua generosidade, deu-lhe mil talentos em dinheiro pronto para ser cunhado, o que desagradou muito a seus antigos amigos, mas conquistou o coração de muitos dos bárbaros.

Mas os melhores soldados dos indianos, agora a serviço de várias cidades, comprometeram-se a defendê-las e o fizeram com tanta bravura que causaram muitos problemas a Alexandre, até que, finalmente, depois de uma rendição, com a entrega do local, ele os atacou quando estavam indo embora e os matou a todos. Essa única violação de sua palavra permanece como uma mancha em suas realizações na guerra, a qual, de resto, ele desempenhou com a justiça e a honra próprias de um rei. Ele também não foi menos incomodado pelos filósofos indianos, que protestaram contra os príncipes que se juntaram ao seu partido e solicitaram que as nações livres se opusessem a ele. Prendeu vários deles e fez com que fossem enforcados.

Alexandre, em suas próprias cartas, nos deu um relato de sua guerra com Porus. Ele diz que os dois exércitos estavam separados pelo rio Hydaspes, em cuja margem oposta Porus mantinha continuamente seus elefantes em

ordem de batalha, com as cabeças voltadas para seus inimigos, para proteger a passagem; que ele, por outro lado, fazia todos os dias um grande barulho e clamor em seu acampamento, para dissipar as apreensões dos bárbaros; que em uma noite escura e tempestuosa ele passou pelo rio, a uma distância do local onde o inimigo estava, em uma pequena ilha, com parte de seus soldados e o melhor de seus cavalos. Ali caiu uma violenta tempestade de chuva, acompanhada de relâmpagos e redemoinhos, e vendo alguns de seus homens queimados e morrendo por causa dos relâmpagos, ele, no entanto, abandonou a ilha e passou para o outro lado. O Hydaspes, diz ele, agora, depois da tempestade, estava tão inchado e tão rápido que abriu uma brecha na margem, e uma parte do rio estava agora transbordando ali, de modo que, quando ele atravessou, foi com dificuldade que conseguiu se firmar na terra, a qual estava escorregadia e instável, e exposta à força das correntes de ambos os lados.

Derrota de Porus pelos macedônios, Edmund Ollier (1882)

Essa é a ocasião em que ele teria dito: "Ó atenienses, acreditareis nos perigos que corro para merecer vosso louvor?" Essa, no entanto, é a versão de Onesicritus. Alexandre diz que aqui os homens deixaram seus barcos e passaram pela brecha em sua blindagem, com água até o peito, e que então ele avançou com seus cavalos cerca de vinte estádios à frente de seus soldados, concluindo que, se o inimigo o atacasse com sua

cavalaria, seria forte demais para eles; se fosse com seus soldados, seus próprios soldados viriam em seu auxílio. E ele não se enganou, pois ao ser atacado por mil cavalos e sessenta carros armados, que avançaram antes do corpo principal, ele derrotou todos os carros e matou quatrocentos cavalos no local.

A essa altura, Porus, imaginando que o próprio Alexandre havia atravessado, avançou com todo o seu exército, exceto um grupo que deixou para trás, para manter o resto dos macedônios em jogo, caso tentassem passar o rio. Mas ele, temendo a multidão do inimigo e para evitar o choque de seus elefantes, dividindo suas forças, atacou ele mesmo a ala esquerda e ordenou a Cœnus que atacasse a direita, o que foi feito com grande sucesso. Dessa maneira, com as duas alas quebradas, os inimigos recuaram em sua retirada para o centro e se aglomeraram com seus elefantes. Ao se reunirem, travaram uma batalha corpo a corpo, e era a oitava hora do dia quando foram totalmente derrotados. Essa descrição o próprio conquistador nos deixou em suas próprias epístolas.

Quase todos os historiadores concordam em relatar que Porus tinha quatro côvados e um palmo de altura e que, quando estava sobre seu elefante, que era do maior tamanho, sua estatura e volume eram tão semelhantes que ele parecia estar montado adequadamente, como um cavaleiro em seu cavalo. Esse elefante, durante toda a batalha, deu muitas provas singulares de sagacidade e de cuidado especial com o rei, a quem, enquanto esteve forte e em condições de lutar, defendeu com grande coragem, repelindo aqueles que o atacavam; e assim que o percebeu dominado por seus numerosos ferimentos e pela multidão de dardos que lhe foram lançados, para evitar que caísse, ele se ajoelhou

suavemente e começou a arrancar os dardos com sua tromba.

Quando Porus foi feito prisioneiro e Alexandre lhe perguntou como ele esperava ser usado, ele respondeu: "Como um rei". Pois essa expressão, disse ele, quando a mesma pergunta lhe foi feita uma segunda vez, englobava tudo. E Alexandre, portanto, não apenas permitiu que ele governasse seu próprio reino como sátrapa, mas também lhe deu o território adicional de várias tribos independentes que ele subjugou, um distrito que, segundo se diz, continha quinze nações diferentes e cinco mil cidades consideráveis, além de muitas aldeias. Para outro governo, três vezes maior que esse, ele nomeou Filipe, um de seus amigos.

Pouco tempo depois da batalha contra Porus, Bucéfalo morreu, como afirmam a maioria das autoridades, sob tratamento de suas feridas ou, como diz Onesicritus, em decorrência de fadiga e idade, pois tinha trinta anos. Alexandre não ficou menos abalado com sua morte do que se tivesse perdido um velho companheiro ou um amigo íntimo, e construiu uma cidade, que chamou de Bucefália, em sua memória, na margem do rio Hydaspes. Também nos foi dito que ele construiu outra cidade e a chamou com o nome de seu cão favorito, Peritas, que ele mesmo havia criado. Sotion nos garante que foi informado disso por Potamon de Lesbos.

Mas esse último combate com Porus acabou com a coragem dos macedônios e impediu seu progresso na Índia. Por terem achado bastante difícil derrotar um inimigo que trouxe apenas vinte mil soldados e dois mil cavalos para o campo de batalha, eles pensaram que tinham motivos para se opor ao projeto de Alexandre de levá-los a passar também pelo Ganges, o qual, segundo eles, tinha trinta e dois estádios de largura e cem braças

de profundidade, e as margens do outro lado estavam cobertas por multidões de inimigos. Foi-lhes dito que os reis dos gandaritas e dos présios os esperavam ali com oitenta mil cavalos, duzentos mil homens a pé, oito mil carros armados e seis mil elefantes de combate. E não se tratava de um mero relato em vão, espalhado para desencorajá-los. Pois Androcottus, que não muito tempo depois reinou naquelas regiões, presenteou Seleucus com quinhentos elefantes e, com um exército de seiscentos mil homens, subjugou toda a Índia.

Alexandre, a princípio, ficou tão triste e furioso com a relutância de seus homens que se fechou em sua tenda e se jogou no chão, declarando que, se eles não passassem pelo Ganges, ele não lhes devia nenhuma gratidão por nada do que haviam feito até então, e que recuar agora era claramente confessar-se derrotado. Por fim, porém, as persuasões razoáveis de seus amigos e os gritos e lamentações de seus soldados, que se aglomeravam de maneira suplicante na entrada de sua tenda, convenceram-no a pensar em voltar.

No entanto, ele não pôde se abster de deixar atrás de si vários memoriais fictícios de sua expedição, para impor-se no futuro e exagerar sua glória para a posteridade, como armas maiores do que as realmente usadas e manjedouras para cavalos, com rédeas e freios acima do tamanho normal, que ele montou e distribuiu em vários lugares. Ele também erigiu altares aos deuses, que os reis dos présios, mesmo em nossa época, honram quando passam pelo rio e oferecem sacrifícios sobre eles, segundo a maneira grega.

Androcottus, então um menino, viu Alexandre lá, e diz-se que muitas vezes depois foi ouvido dizendo que ele perdeu a chance de se tornar o mestre daqueles países; seu rei, que então reinava, era muito odiado e

desprezado pela crueldade de sua vida e pela maldade de sua origem.

Alexandre agora estava ansioso para ver o oceano. Com esse propósito, mandou construir muitos barcos de reboque e balsas, nos quais descia suavemente os rios a seu bel-prazer, de modo que sua navegação não fosse inútil nem sedentária. Pois, por meio de várias descidas às margens, ele se tornou senhor das cidades fortificadas e, consequentemente, do país em ambos os lados. Mas em um cerco a uma cidade dos mallians, que têm a reputação de ser o povo mais corajoso da Índia, ele correu grande perigo de vida. Depois de derrotar os defensores com chuvas de flechas, ele foi o primeiro homem a subir na muralha por meio de uma escada que, assim que ele subiu, quebrou-se e o deixou quase sozinho, exposto aos dardos que os bárbaros lançavam contra ele em grande número, vindos de baixo.

A escada se rompe, deixando Alexandre e alguns companheiros presos na cidade de Mallian, André Castaigne (1911)

Nessa angústia, virando-se da melhor maneira que pôde, ele pulou no meio de seus inimigos e teve a sorte de cair de pé. O brilho e o estrondo de sua armadura ao cair no chão fizeram com que os bárbaros pensassem ter visto raios de luz ou algum fantasma brilhante agindo diante de seu corpo, o que os assustou tanto a princípio que fugiram e se dispersaram. Até que, vendo-o protegido apenas por dois de seus guardas, caíram sobre ele corpo a corpo, e alguns, enquanto ele se defendia com bravura,

tentaram feri-lo através de sua armadura com suas espadas e lanças. E um deles, que estava mais afastado, puxou um arco com tanta força que a flecha, ao atravessar sua couraça, cravou-se em suas costelas sob o peito. Esse golpe foi tão violento que o fez recuar e colocar um joelho no chão, o que levou o homem a correr com sua cimitarra desembainhada, pensando em matá-lo, e teria conseguido, se Peucestes e Limnæus não tivessem intervido, ambos feridos mortalmente, mas Peucestes permaneceu firme, enquanto Alexandre matava os bárbaros.

Contudo, isso não o livrou do perigo, pois, além de muitos outros ferimentos, por fim recebeu um golpe de clava tão forte no pescoço que foi forçado a encostar o corpo na parede, mas ainda de frente para o inimigo. Nesse momento extremo, os macedônios entraram e se reuniram ao redor dele. Eles o levantaram, quando ele estava desmaiando, tendo perdido toda a noção do que havia sido feito perto dele, e o levaram para sua tenda, e logo foi relatado por todo o acampamento que ele estava morto. Porém, depois de serrarem com muita dificuldade e dor a haste da flecha, que era de madeira, e, com muito esforço, tirarem sua couraça, cortaram a ponta da flecha, que tinha três dedos de largura e quatro de comprimento e estava presa ao osso. Durante a operação, ele teve desmaios quase mortais, mas quando a flecha foi retirada, ele voltou a si.

No entanto, embora todo o perigo tivesse passado, ele continuou muito fraco e se limitou por um bom tempo a uma dieta regular e ao método de sua cura, até que um dia, ao ouvir os macedônios clamando do lado de fora na ânsia de vê-lo, ele pegou sua capa e saiu. Depois de sacrificar aos deuses, embarcou novamente sem mais demora e, enquanto navegava, subjugou grande parte do

país em ambos os lados, além de várias cidades consideráveis.

Nessa viagem, ele fez prisioneiros dez dos filósofos indianos que haviam sido os mais ativos em persuadir Sabbas a se revoltar e que haviam causado muitos problemas aos macedônios. Esses homens, chamados de gimnosofistas, tinham a reputação de serem extremamente prontos e sucintos em suas respostas, o que ele testou, fazendo-lhes perguntas difíceis, informando-os de que aqueles cujas respostas não fossem pertinentes deveriam ser condenados à morte, o que ele fez com que o mais velho deles julgasse.

Quando perguntaram ao primeiro qual ele achava que era o mais numeroso, os mortos ou os vivos, ele respondeu: "Os vivos, porque os que estão mortos não são de modo algum". Ao segundo, ele quis saber se a terra ou o mar produzia os maiores animais; ele lhe respondeu: "A terra, porque o mar é apenas uma parte dela". Sua pergunta para o terceiro foi: "Qual é o mais astuto dos animais?" "Aquele", disse ele, "que os homens ainda não descobriram". Ele pediu ao quarto que lhe dissesse que argumento usou com Sabbas para persuadi-lo a se revoltar. "Nenhum outro", disse ele, "a não ser o de que ele deveria viver ou morrer nobremente". Ao quinto, perguntou qual era o mais velho: noite ou dia. O filósofo respondeu: "O dia era o mais velho, pelo menos por um dia". Mas percebendo que Alexandre não estava satisfeito com essa resposta, ele acrescentou que não deveria se surpreender se perguntas estranhas tivessem respostas tão estranhas quanto. Em seguida, prosseguiu e perguntou ao próximo o que um homem deveria fazer para ser extremamente amado. "Ele deve ser muito poderoso", disse ele, "sem se tornar muito temido". A resposta do sétimo à sua pergunta sobre como um

homem poderia se tornar um deus foi: "Fazendo o que era impossível para os homens fazerem". O oitavo lhe disse: "A vida é mais forte que a morte, porque ela suporta muitas misérias". E o último, quando lhe perguntaram quanto tempo ele achava decente para um homem viver, disse: "Até que a morte pareça mais desejável do que a vida".

Em seguida, Alexandre voltou-se para aquele que ele havia nomeado juiz e ordenou-lhe que desse a sentença. "Tudo o que posso determinar", disse ele, "é que cada um deles respondeu pior do que o outro". "Não", disse o rei, "então você morrerá primeiro, por dar tal sentença." "Não é assim, ó rei", respondeu o gimnosofista, "a menos que você tenha dito falsamente que deveria morrer primeiro aquele que deu a pior resposta". Para concluir, ele lhes deu presentes e os dispensou.

Mas para aqueles que tinham maior reputação entre eles e levavam uma vida privada e tranquila, ele enviou Onesicritus, um dos discípulos de Diógenes, o Cínico, solicitando que fossem até ele. Diz-se que Calanus, com muita arrogância e aspereza, ordenou-lhe que se despisse e ouvisse o que ele dizia nu, caso contrário não lhe diria uma palavra, ainda que ele viesse da parte do próprio Júpiter. Dandamis, porém, recebeu-o com mais civilidade e, ao ouvi-lo falar de Sócrates, Pitágoras e Diógenes, disse-lhe que os considerava homens de grande valor e que não haviam errado em nada, a não ser em respeitar demais as leis e os costumes de seu país. Outros dizem que Dandamis apenas lhe perguntou a razão pela qual Alexandre empreendeu uma viagem tão longa para chegar àquelas regiões.

Taxiles, no entanto, persuadiu Calanus a esperar por Alexandre. Seu nome próprio era Sphines, mas como ele costumava dizer *Cale*, que na língua indiana é uma forma

de saudação, para aqueles que encontrava em qualquer lugar, os gregos o chamavam de Calanus. Diz-se que ele mostrou a Alexandre um instrutivo símbolo de governo, que era o seguinte. Ele jogou uma pele seca e murcha no chão e pisou em suas bordas. A pele, quando pressionada em um lugar, ainda se erguia em outro, onde quer que ele pisasse, até colocar o pé no meio, o que fazia com que todas as partes ficassem uniformes e quietas. O significado dessa semelhança é que ele deve residir mais no meio de seu império e não passar muito tempo em suas bordas.

Sua viagem pelos rios levou sete meses e, quando chegou ao mar, navegou até uma ilha que ele mesmo chamou de Scillustis, outras de Psiltucis, onde, ao desembarcar, sacrificou e fez as observações que pôde sobre a natureza do mar e da costa marítima. Depois de suplicar aos deuses que nenhum outro homem jamais ultrapassasse os limites dessa expedição, ele ordenou que sua frota, da qual nomeou Nearchus almirante e Onesicritus piloto, navegasse ao redor, mantendo a costa indiana à direita, e retornasse por terra através do país dos oritas, onde passou por grandes dificuldades por falta de provisões e perdeu um grande número de seus homens, de modo que, de um exército de cento e vinte mil soldados e quinze mil cavalos, ele mal conseguiu trazer de volta da Índia mais de um quarto, pois eles haviam diminuído muito por causa de doenças, má alimentação e calor escaldante, mas a maioria por causa da fome. Sua marcha atravessou um país inculto, cujos habitantes tinham poucas ovelhas, e eram de um tipo miserável, cuja carne era ruim e desagradável, pois se alimentavam continuamente de peixes do mar.

Depois de sessenta dias de marcha, ele chegou à Gedrósia, onde encontrou grande abundância de todas

as coisas, que os reis e governadores das províncias vizinhas, ao saberem de sua aproximação, tiveram o cuidado de providenciar.

Depois de refrescar seu exército, ele continuou sua marcha pela Carmânia, banqueteando-se durante todo o caminho por sete dias seguidos. Ele e seus amigos mais íntimos banquetearam-se e divertiram-se noite e dia em uma plataforma erguida em um andaime alto e vistoso, que era puxado lentamente por oito cavalos. Seguiam-se muitas carruagens, algumas cobertas com dosséis de púrpura e bordados, outras com ramos verdes, que eram continuamente renovados, e nelas bebiam os demais amigos e comandantes, coroados com guirlandas de flores. Agora não se via nenhum arco, capacete ou lança; em vez de armaduras, os soldados não usavam nada além de xícaras, taças e vasos de bebida de Thericlean, que, ao longo de todo o caminho, mergulhavam em grandes tigelas e jarros, e bebiam à saúde uns dos outros, alguns sentados, outros seguindo o caminho.

Todos os lugares ressoavam com música de instrumentos e flautas, com harpas e cantos, e mulheres dançando como nos ritos de Baco. Pois essa marcha desordenada e errante, além da parte da bebida, era acompanhada de toda a esportividade e insolência dos bacanais, como se o próprio deus tivesse estado lá para acompanhar e liderar a procissão.

Assim que chegou ao palácio real de Gedrósia, ele novamente refrescou e banqueteou seu exército; e um dia, depois de beber muito, dizem, ele foi assistir a uma disputa de prêmio de dança, na qual seu favorito, Bagoas, tendo ganhado a vitória, atravessou o teatro em seu traje de dança e sentou-se perto dele, o que agradou tanto aos macedônios que eles fizeram grandes aclamações para que ele beijasse Bagoas, e nunca

pararam de bater palmas e gritar até que Alexandre o abraçasse e o beijasse.

Ali, seu almirante, Nearchus, veio até ele e o encantou tanto com a narrativa de sua viagem, que ele decidiu sair da foz do Eufrates com uma grande frota, com a qual pretendia dar a volta pela Arábia e pela África e, assim, pelos Pilares de Hércules, até o Mediterrâneo; para isso, mandou construir todos os tipos de embarcações em Thapsacus e fez grandes provisões de marinheiros e capitães em todos os lugares.

Porém, as notícias das dificuldades enfrentadas em sua expedição à Índia, o perigo de sua pessoa entre os mallianos, a perda de uma parte considerável de suas forças e a dúvida geral quanto à sua própria segurança começaram a dar ensejo a revoltas entre muitas das nações conquistadas e a atos de grande injustiça, avareza e insolência por parte dos sátrapas e comandantes nas províncias, de modo que parecia haver uma flutuação universal e disposição para mudanças.

Mesmo em casa, Olímpia e Cleópatra haviam criado uma facção contra Antípatro e dividido o governo dele entre elas, Olímpia se apoderando do Épiro e Cleópatra da Macedônia. Quando Alexandre ficou sabendo disso, disse que sua mãe havia feito a melhor escolha, pois os macedônios jamais suportariam ser governados por uma mulher.

Depois disso, ele reenviou Nearchus à sua frota, a fim de levar a guerra para as províncias marítimas e, enquanto marchava naquela direção, puniu os comandantes que haviam se comportado mal, especialmente Oxyartes, um dos filhos de Abuletes, a quem ele matou com suas próprias mãos, atravessando-o no corpo com sua lança. E quando Abuletes, em vez das provisões necessárias que

ele deveria ter fornecido, trouxe-lhe três mil talentos em dinheiro cunhado, ele ordenou que o dinheiro fosse atirado aos seus cavalos e, como eles não quiseram tocá-lo, disse: "De que nos servirá essa provisão?" e mandou-o para a prisão.

Quando chegou à Pérsia, distribuiu dinheiro entre as mulheres, à semelhança do que costumavam fazer os reis do país, que sempre que chegavam lá davam a cada uma delas uma peça de ouro; por causa desse costume, diz-se que alguns deles vinham raramente, e que Ochus era tão sórdido e cobiçoso ao ponto de, para evitar essa despesa, nunca ter visitado seu país natal durante todo o seu reinado. Então, descobrindo que o sepulcro de Cyrus havia sido aberto e saqueado, ele condenou Polymachus, o autor do crime, à morte, embora este fosse um homem de certa distinção, um macedônio nascido em Pela. E depois de ter lido a inscrição, fez com que fosse refeita abaixo da antiga, em caracteres gregos, constando as seguintes palavras "Ó homem, quem quer que sejas, e de onde quer que venhas (pois sei que virás), eu sou Cyrus, o fundador do império persa; não me recuses esta pequena terra que cobre meu corpo". A leitura desse texto tocou Alexandre de forma sensível, enchendo-o de pensamentos sobre a incerteza e a mutabilidade dos assuntos humanos.

Alexandre no túmulo de Cyrus, o Grande, Pierre-Henri de Valenciennes (1796)

Ao mesmo tempo, Calanus, tendo sido acometido por uma doença intestinal, solicitou que fosse erguida uma pilastra funerária, e foi a cavalo até lá, e, depois de fazer algumas orações, aspergir-se e cortar um pouco de seu cabelo para jogar no fogo, antes de subir, ele abraçou e despediu-se dos macedônios que estavam por perto, desejando que passassem aquele dia em alegria e boa convivência com seu rei, a quem em pouco tempo, disse ele, não duvidava ver novamente na Babilônia. Tendo dito isso, ele se deitou e, cobrindo o rosto, não se mexeu quando o fogo se aproximou dele, mas continuou na mesma postura do início, e assim se sacrificou, como era o antigo costume dos filósofos naqueles países. A mesma coisa foi feita, muito tempo depois, por outro indiano que veio com César para Atenas, onde ainda é mostrado o "monumento do indiano".

A morte de Calanus, Jacques-Antoine Beaufort (1779).

Ao retornar da pilha fúnebre, Alexandre convidou muitos de seus amigos e principais oficiais para jantar e propôs uma competição de bebida, na qual o vencedor receberia uma coroa. Promachus bebeu doze litros de vinho e ganhou o prêmio, que era receber um talento de todos eles; mas ele sobreviveu à sua vitória por apenas três dias e foi seguido, como diz Chares, por mais quarenta e um, que morreram da mesma bebedeira, pois o tempo ficou extremamente frio pouco depois.

Em Susa, ele se casou com a filha de Darius, Statira, e celebrou também as núpcias de seus amigos, presenteando a mais nobre das damas persas ao mais digno deles, ao mesmo tempo em que fazia um entretenimento em homenagem aos outros macedônios

cujos casamentos já haviam ocorrido. Nesse magnífico festival, segundo consta, havia nada menos que nove mil convidados, a cada um dos quais ele deu uma taça de ouro para as libações. Sem mencionar outros exemplos de sua maravilhosa magnificência, ele pagou as dívidas de seu exército, que chegavam a nove mil oitocentos e setenta talentos.

Os casamentos em Susa, Alexandre com Statira (gravura do final do século XIX)

Porém, Antígenes, que perdera um dos olhos, embora não devesse nada, teve seu nome inscrito na lista dos endividados e, ao trazer aquele que fingia ser seu credor e que lhe fornecera o dinheiro através do banco, recebeu o montante. No entanto, quando a trapaça foi descoberta, o rei ficou tão furioso com o fato que o baniu da corte e lhe tirou o comando, embora ele fosse um excelente soldado e um homem de grande coragem. Quando ainda era jovem e servia sob o comando de Filipe no cerco a Perinthus, onde foi ferido no olho por uma

flecha disparada de um mecanismo, ele não permitiu que a flecha fosse retirada nem foi persuadido a deixar o campo de batalha até que tivesse repelido bravamente o inimigo e o obrigado a se retirar para a cidade. Assim, ele não foi capaz de suportar tal desgraça com paciência, e estava claro que a dor e o desespero o teriam levado a se matar, mas o rei, temendo isso, não apenas o perdoou, mas também permitiu que ele desfrutasse do benefício de seu truque.

Os trinta mil meninos que ele deixou para trás para serem ensinados e disciplinados estavam tão melhorados quando ele retornou, tanto em força quanto em beleza, e realizavam seus exercícios com tanta destreza e maravilhosa agilidade, que ele ficou extremamente satisfeito com eles, o que entristeceu os macedônios e os fez temer que ele os valorizasse menos. E quando Alexandre começou a enviar os soldados enfermos e mutilados para o mar, disseram que eles estavam sendo injusta e infamemente tratados, depois de terem se desgastado em seu serviço em todas as ocasiões, para agora serem rejeitados com desgraça e enviados para casa em seu país, entre seus amigos e parentes, em uma condição pior do que quando saíram; portanto, desejaram que ele os dispensasse a todos e considerasse seus macedônios inúteis, agora que ele estava tão bem equipado com um grupo de dançarinos, com os quais, se quisesse, poderia continuar e conquistar o mundo. Esses discursos enfureceram Alexandre de tal maneira que, depois de ter-lhes dirigido uma grande quantidade de palavras de reprovação em sua paixão, ele os expulsou e confiou aos persas a tarefa de guarda, dentre os quais escolheu seus seguranças e assistentes.

Quando os macedônios o viram escoltado por esses homens, e eles próprios excluídos e vergonhosamente

desonrados, seus ânimos se acalmaram e, conversando uns com os outros, descobriram que o ciúme e a raiva quase os haviam distraído. Por fim, porém, voltando a si, foram sem armas, apenas com as roupas de baixo, chorando e lamentando, para se oferecerem em sua tenda, e desejaram que ele os tratasse como mereciam sua baixeza e ingratidão. No entanto, isso não prevaleceu, pois, embora sua ira já estivesse um pouco aplacada, ele não os admitiu em sua presença, tampouco saíram dali, mas permaneceram dois dias e duas noites diante de sua tenda, lamentando-se e implorando que ele, como seu senhor, tivesse compaixão deles.

No terceiro dia, porém, foi ter com eles e, vendo-os muito humildes e penitentes, chorou por um bom tempo e, depois de repreendê-los gentilmente, falou-lhes com bondade e dispensou os que não eram capazes de trabalhar com recompensas magníficas, recomendando a Antípatro que, quando voltassem para casa, em todos os espetáculos públicos e teatros, sentassem nos melhores e mais importantes assentos, coroados com braçadeiras de flores. Ele também ordenou que os filhos daqueles que haviam perdido a vida a seu serviço tivessem o pagamento do pai continuado para eles.

Quando chegou a Ecbatana, na Média, e despachou seus assuntos mais urgentes, começou a se divertir novamente com espetáculos e entretenimentos públicos, para os quais contava com três mil atores e artistas recém-chegados da Grécia. Entretanto, essas atividades foram logo interrompidas pelo fato de Hephæstion ter adoecido de uma febre que, por se tratar de um homem jovem e também de um soldado, não lhe permitiu limitar-se a uma dieta tão rigorosa quanto necessário; por isso, enquanto seu médico, Glaucus, estava no teatro, ele comeu uma ave no jantar e bebeu uma grande

quantidade de vinho, ficando muito doente e morrendo pouco depois.

Diante desse infortúnio, Alexandre ficou tão fora de si que, para expressar sua tristeza, mandou cortar imediatamente as crinas e as caudas de todos os seus cavalos e mulas e derrubou as ameias das cidades vizinhas. Crucificou o pobre médico e proibiu que se tocasse flauta ou qualquer outro instrumento musical no acampamento por um bom tempo, até que o oráculo de Ammon lhe deu instruções e ordenou que honrasse Hephæstion e lhe fizesse sacrifícios como a um herói.

Em seguida, buscando aliviar sua dor na guerra, ele partiu, por assim dizer, para uma caçada e perseguição de homens, caiu sobre os cossæus e passou toda a nação à espada. Isso foi chamado de sacrifício ao fantasma de Hephæstion.

Em seu sepulcro, monumento e ornamentação, ele pretendia investir dez mil talentos; e planejando que a excelência do trabalho e a singularidade do projeto pudessem superar a despesa, seus desejos se voltaram, acima de todos os outros artistas, para Stasicrates, porque este sempre prometia algo muito ousado, incomum e magnífico em seus projetos. Certa vez, quando se encontraram pessoalmente, ele lhe disse que, de todas as montanhas que conhecia, a de Athos, na Trácia, era a mais capaz de ser adaptada para representar a forma e os traços de um homem; que, se lhe aprouvesse ordenar, ele a transformaria na estátua mais nobre e durável do mundo, a qual, em sua mão esquerda, deveria segurar uma cidade de dez mil habitantes e, na direita, deveria lançar um rio caudaloso no mar. Embora Alexandre tenha recusado essa proposta, agora ele passava muito tempo com os trabalhadores

para inventar e criar outras ainda mais extravagantes e suntuosas.

Quando ele estava a caminho da Babilônia, Nearchus, que havia navegado de volta do oceano até a foz do rio Eufrates, veio dizer-lhe que havia encontrado alguns adivinhos caldeus, que o advertiram contra a ida de Alexandre para lá. Alexandre, porém, não deu importância a isso e prosseguiu. Quando se aproximou das muralhas do lugar, viu muitos corvos lutando uns com os outros, alguns dos quais caíram perto dele. Depois disso, sendo informado em particular que Apolodoro, o governador da Babilônia, havia feito um sacrifício a fim de saber o que aconteceria com ele, mandou chamar Pitágoras, o adivinho, e, quando este admitiu o fato, perguntou-lhe em que condições se encontrava a vítima; e quando ele lhe disse que o fígado estava com defeito no lóbulo, "Um grande presságio, sem dúvida!", disse Alexandre. No entanto, Alexandre não ofendeu Pitágoras, mas lamentou o fato de ele ter negligenciado o conselho de Nearchus e permaneceu a maior parte do tempo fora da cidade, mudando sua tenda de um lugar para outro e navegando para cima e para baixo no Eufrates.

Além disso, ele foi perturbado por muitos outros prodígios. Um jumento manso caiu sobre o maior e mais belo leão que ele mantinha e o matou com um chute. E um dia, depois que ele se despiu para ser ungido e estava jogando bola, quando iam trazer suas roupas de volta, os jovens que brincavam com ele perceberam um homem vestido com as vestes do rei, com um diadema na cabeça, sentado silenciosamente em seu trono. Eles perguntaram quem ele era, ao que ele não respondeu por um bom tempo, até que finalmente, voltando a si, disse-lhes que seu nome era Dionísio, que era de

Messena, que por algum crime do qual era acusado havia sido trazido para lá do litoral e havia sido mantido por muito tempo na prisão, que Serapis apareceu para ele, libertou-o de suas correntes, conduziu-o àquele lugar e ordenou-lhe que vestisse o manto e o diadema do rei, sentasse onde o encontraram e não dissesse nada. Alexandre, quando ouviu isso, sob a orientação de seus adivinhos, matou o homem, mas ele perdeu o ânimo e ficou desconfiado da proteção e da assistência dos deuses e desconfiou de seus amigos.

Sua maior preocupação era com Antípatro e seus filhos, um dos quais, Iolau, era seu copeiro-chefe; e Cassandro, que havia chegado recentemente e tinha sido criado nos costumes gregos, na primeira vez que viu alguns dos bárbaros adorarem o rei, não pôde deixar de rir em voz alta, o que enfureceu Alexandre a ponto de pegá-lo pelos cabelos com as duas mãos e bater sua cabeça contra a parede.

Em outra ocasião, Cassandro teria dito algo em defesa de Antípatro àqueles que o acusavam, mas Alexandre o interrompeu e disse: "O que você está dizendo? Você acha que as pessoas, se não tivessem sido prejudicadas, fariam uma viagem dessas só para caluniar teu pai?" Ao que Cassandro respondeu que o fato de terem vindo até tão longe das evidências era uma grande prova da falsidade de suas acusações, Alexandre sorriu e disse que esses eram alguns dos sofismas de Aristóteles, que serviriam igualmente para ambos os lados; e acrescentou que tanto ele quanto seu pai deveriam ser severamente punidos se fossem considerados culpados da menor injustiça para com aqueles que se queixavam.

Tudo isso causou uma impressão tão profunda de terror na mente de Cassandro que, muito tempo depois, quando ele era rei da Macedônia e senhor da Grécia,

enquanto andava de um lado para o outro em Delfos e olhava para as estátuas, ao ver a de Alexandre, ele ficou subitamente alarmado e tremeu todo; seus olhos se arregalaram, sua cabeça ficou tonta e ele demorou a se recuperar.

Quando Alexandre cedeu ao medo de influências sobrenaturais, sua mente ficou tão perturbada e se assustava com tanta facilidade que, se acontecesse qualquer coisa incomum ou extraordinária, ele a considerava um prodígio ou um presságio, e sua corte estava repleta de adivinhos e sacerdotes cuja função era sacrificar, purificar e prever o futuro. A incredulidade e o desprezo pelo poder divino são coisas extremamente infelizes, por um lado, e a superstição, por outro, é tão infeliz que, assim como a água, quando o nível está baixo, flui e nunca pára, enchendo a mente de medos e loucuras servis, tal como no caso de Alexandre.

Mas depois de algumas respostas que lhe foram trazidas pelo oráculo a respeito de Hephæstion, ele deixou de lado sua tristeza e voltou a sacrificar e beber; e tendo dado a Nearchus um esplêndido entretenimento, depois de ter se banhado, como era seu costume, quando estava indo para a cama, a pedido de Medius, foi jantar com ele. Lá ele bebeu durante todo o dia seguinte e foi atacado por uma febre, que o acometeu, não como alguns escrevem, depois de ter bebido da taça de Hércules, nem foi acometido por qualquer dor súbita nas costas, como se tivesse sido atingido por uma lança, pois essas são invenções de alguns autores que acharam que era seu dever tornar a derradeira cena em uma ação tão grandiosa, tão trágica e comovente quanto pudessem. Segundo Aristobulus, na fúria de sua febre e sede violenta, ele tomou um gole de vinho, o que o levou ao delírio e o fez morrer no trigésimo dia do mês de Dæsius.

Porém, os diários dão o seguinte registro. No décimo oitavo dia do mês, ele dormiu na sala de banho por causa da febre. No dia seguinte, tomou banho, foi para seu quarto e passou o tempo jogando dados com Medius. À noite, banhou-se e sacrificou, comeu à vontade e ficou com febre durante toda a noite. No dia 20, após os sacrifícios e banhos habituais, deitou-se na sala de banho e ouviu a narrativa de Nearchus sobre sua viagem e as observações que havia feito no grande mar. No dia 21, ele passou o dia da mesma maneira, com a febre ainda aumentando, e sofreu muito durante a noite. No dia seguinte, a febre estava muito violenta, e ele foi transferido e sua cama foi colocada ao lado da grande banheira, e conversou com seus principais oficiais sobre como encontrar homens adequados para preencher os lugares vagos no exército. No dia 24, ele estava muito pior e foi retirado de sua cama para assistir aos sacrifícios, e deu ordem para que os oficiais gerais esperassem dentro do pátio, enquanto os oficiais inferiores ficavam de guarda fora das portas. No dia 25, ele foi levado para seu palácio, do outro lado do rio, onde dormiu um pouco, mas a febre não diminuiu e, quando os generais entraram em seu quarto, ele ficou mudo e continuou assim no dia seguinte.

Com um esforço, ele olhou para eles enquanto passavam.

Os macedônios, portanto, supondo que ele estivesse morto, chegaram com grande clamor aos portões e ameaçaram seus amigos, de modo que eles foram forçados a admiti-los e deixaram que todos pudessem transitar desarmados ao lado de sua cama. No mesmo dia, Python e Seleucus foram enviados ao templo de Serápis para perguntar se deveriam levar Alexandre para lá, mas o deus respondeu que não deveriam movê-lo novamente. No dia vinte e oito, à noite, ele morreu. Esse relato é, em sua maior parte, palavra por palavra, tal como está escrito no diário.

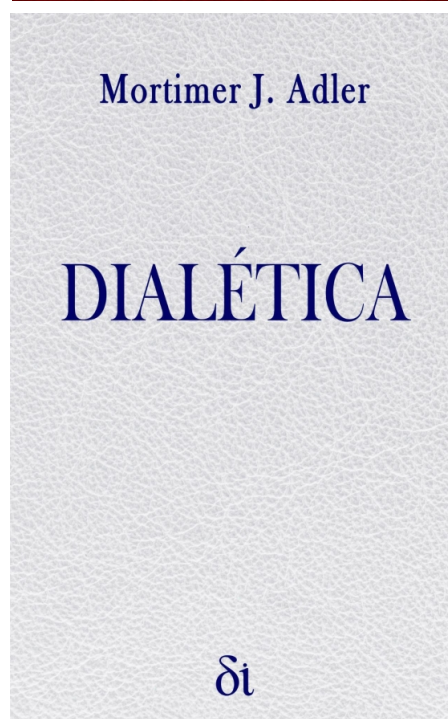
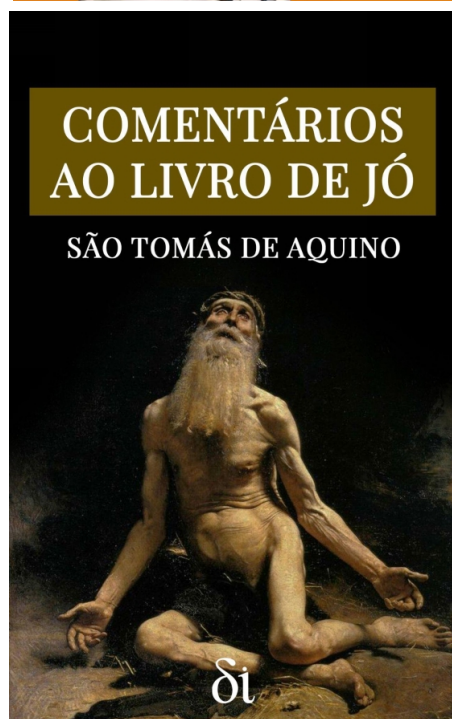
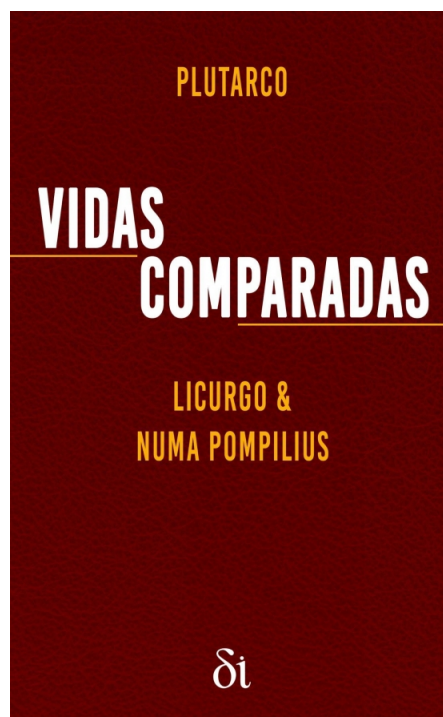
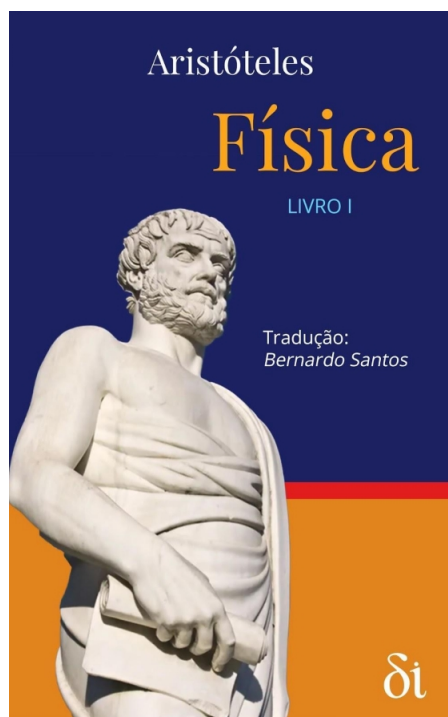
Naquela época, ninguém suspeitava que ele tivesse sido envenenado, mas, com base em alguma informação dada seis anos depois, dizem que Olímpia matou muitos

e espalhou as cinzas de Iolau, então morto, tal como se ele tivesse lhe dado veneno. Mas aqueles que afirmam que Aristóteles aconselhou Antípatro a fazer isso e que, por meio dele, o veneno foi trazido, apresentam como autoridade um tal de Hagnothemis, o qual, segundo eles, ouviu o rei Antigonus falar sobre isso, e nos dizem que o veneno era água, mortalmente fria como gelo, destilada de uma rocha no distrito de Nonacris, a qual eles coletaram como um fino orvalho e mantiveram em um casco de asno; pois era tão frio e penetrante que nenhum outro recipiente o seguraria. No entanto, a maioria é da opinião de que tudo isso é uma mera história inventada, com a evidência de que, durante as dissensões entre os comandantes, que duraram vários dias, o corpo continuou limpo e fresco, sem qualquer sinal de mácula ou corrupção, embora estivesse guardado em um local fechado e abafado.

Roxana, que estava grávida e, por isso, era muito honrada pelos macedônios, com ciúmes de Statira, mandou buscá-la por meio de uma carta falsa, como se Alexandre ainda estivesse vivo; e, quando a teve em seu poder, matou-a e à sua irmã e jogou seus corpos em um poço, que encheram de terra, não sem a ajuda de Perdiccas, quem, no período imediatamente após a morte do rei, sob o nome de Arrhidæus, o qual ele carregava consigo como uma espécie de guarda para sua pessoa, exerceu a autoridade principal.

Alexandre, o Grande, e Roxane, Pietro Antonio Rotari (1756)

Arrhidæus, que era filho de Filipe com uma mulher obscura chamada Philinna, tinha um intelecto fraco, não que ele fosse originalmente deficiente tanto no corpo quanto na mente; pelo contrário, em sua infância, ele havia demonstrado um caráter feliz e promissor. Mas um hábito corporal doentio, causado pelas drogas que Olímpia lhe dava, arruinou não apenas sua saúde, mas também seu entendimento.

Nossas outras publicações

Confira todas acessando o site da Amazon:
https://amzn.to/3qfvhon

Para conhecer melhor o nosso projeto, acesse o site: https://diariointelectual.com.br/ ou siga-nos no Instagram: @diariointelectual e @edicoesdi